

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA
CURSO DE BACHARELADO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

MATHEUS HENRIQUE DA SILVA MARQUES

**A CONCEPÇÃO DOS TREINADORES DE FUTEBOL ACERCA DA FORMAÇÃO
DE ATLETAS**

GOIÂNIA
2017

Matheus Henrique da Silva Marques

**A CONCEPÇÃO DOS TREINADORES DE FUTEBOL ACERCA DA FORMAÇÃO
DE ATLETAS**

Monografia apresentada à Faculdade de
Educação Física e Dança da
Universidade Federal de Goiás como
requisito para finalização do curso de
Bacharelado em Educação Física
Orientador: Prof. Dr. Gustavo De Conti

Goiânia
2017

Dedico este trabalho a Deus, por ser essencial em minha vida, autor do meu destino, meu guia, aos meus familiares, professores e colegas de classe.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer primeiramente a Deus por seu grande amor e misericórdia por mim, pois sem ele nada disso seria possível.

Agradeço aos meus Pais que sempre estiveram ao meu lado durante essa caminhada acadêmica, por nunca terem desistido de realizar esse meu sonho.

Agradeço a minha namorada Jéssica Cabral que sempre me ajudou nos momentos mais difíceis da minha formação.

Agradeço a minha turma Bacharel 06 que foi responsável por tornar esses anos de faculdade os melhores anos da minha vida.

Agradeço a todos os professores da Faculdade de Educação Física e Dança-FEFD que contribuíram na minha formação de uma maneira única.

Agradeço ao meu Orientador Prof. Dr. Gustavo De Conti Teixeira Costa, pela sua paciência e dedicação na construção desse trabalho.

“Não temas, pois EU sou contigo; não te assombres, pois EU sou o teu Deus. EU te fortalecerei, e te ajudarei, EU te sustentarei com a destra da minha justiça”.

(Salmos 41: 10-11)

RESUMO

O presente estudo objetivou investigar a concepção dos treinadores acerca do processo de formação de jogadores do futebol brasileiro. A amostra foi composta por quatro treinadores das categorias de base de clubes de futebol, que disputam os Campeonatos Goianos, Copa Mané Garrincha e Copa do Brasil de categoria de base e treinaram na cidade de Goiânia. O presente estudo foi realizado a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa, por meio de entrevistas semiestruturadas e Análise de Conteúdo dos dados. Em discordância com a literatura os resultados indicaram que os treinadores vislumbraram a necessidade do aprendizado técnico e subsequente aprendizado tático, além de defenderem a especialização a partir dos 10 anos de idade, fato que pode acarretar problemas na formação do jogador de futebol. Por outro lado, em concordância com a literatura, os treinadores afirmaram que no processo de formação é fulcral o desenvolvimento da inteligência tática para a ascensão do atleta no esporte e da capacidade de tomar decisões de forma contextualizada. Com isso, conclui-se que a formação de jogadores de futebol é multifatorial e que os modelos atuais de ensino e aprendizagem precisam evoluir e convergir com as tendências apontadas nas investigações contemporâneas sobre o ensino dos esportes coletivos. Além disso, torna-se imprescindível que a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) oriente o modelo de jogo pretendido nas Seleções Brasileiras de Base para facilitar a formação no intuito de uma futura convocação para a Seleção de Base.

Palavras chave: Treinadores, Processo de Formação, Futebol.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. CAPÍTULO I – REVISÃO DE LITERATURA	4
2.1 O TREINADOR E O PROCESSO DE FORMAÇÃO ESPORTIVA	4
2.2 ESTUDOS ACERCA DA FORMAÇÃO DE ATLETAS	6
2.3 O PROCESSO DE FORMAÇÃO NO FUTEBOL	9
3. MÉTODOS	12
3.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	12
3.2 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS.....	12
3.3 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES	14
3.4 TÉCNICAS UTILIZADAS PARA ANALISAR OS DADOS	15
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS.....	35
APÊNDICE	44
APÊNDICE A.....	44
APÊNDICE B.....	78

1. INTRODUÇÃO

A análise da profissão de treinador, em geral, evidencia que este possui a função, dentro dos treinos, voltada à preparação dos atletas para competições, bem como outros fatores inerentes à prática esportiva. Contudo, o processo de formação esportiva sofreu modificações ao longo do tempo, segundo Paoli (2008), observando-se que:

1. Até a década de 60 do século passado, a visão baseava-se essencialmente na habilidade técnica e no jogo individual. Assim, aquele que dominava algumas habilidades técnicas, tais como o drible, e conseguia se destacar em relação aos demais jogadores, era considerado um jogador completo.
2. De 1960 para frente, o pensamento começou a se alterar, buscando inovar o processo pedagógico de ensinar futebol. Assim, surgiram as categorias de bases que objetivaram complementar a formação do jogador e preparar esses atletas para serem utilizados pelo clube em categorias de alto nível, tais como as equipes adultas.

Neste contexto, Penney (2008) relata que, para muitos esportes, os treinadores não são responsáveis só por direcionar os treinamentos, mas também tem a responsabilidade de educar e se preocupar com o bem-estar dos seus atletas, conseqüentemente, trabalhando como conselheiros e coordenadores destes. Segundo Rodrigues (2014) existem três tipos de competências essenciais para se tornar um treinador: competências técnicas, competências de comunicação e competências de liderança.

Gomes (2014) relata que a liderança é uma característica imprescindível do treinador, sendo que a base desta é composta pelo líder, os liderados e o local de trabalho onde essa relação ocorre, formando assim um modelo triangular. Ainda segundo este autor, o treinador (líder) considera, em suas ações, a sua própria bagagem pessoal composta por sua filosofia e seus princípios, enquanto os atletas (liderados) apresentam uma forma distinta de pensar. Ou seja, os atletas baseiam suas ideias somente no contexto prático vivido por eles, enquanto o treinador vai ter um conhecimento mais aprofundado acerca da modalidade. Desta forma, a função do líder é, nesta relação treinador-atleta, considerar essas diferenças e implementar sua filosofia de trabalho ao longo da temporada esportiva. Além disso, deve-se

considerar a relação com o ambiente onde o treinamento ocorre, uma vez que o treinador está inserido em um local (time, associação, clube) que já possui uma filosofia de trabalho (GOMES, 2014).

Complementarmente a isso, Cushion; Armour; Jones (2006) e Matthews; Fleming; Jones (2013) afirmam que o papel do treinador não se restringe somente ao conhecimento tático-técnico de determinada modalidade esportiva. Na visão destes autores, o treinador é considerado como guia de muitas áreas das vidas de seus alunos/atletas, sendo considerado uma referência a ser seguida e, por vezes, ajudando-os em outras áreas fora do contexto esportivo. Assim, observa-se que o processo de formação esportiva não se restringi somente ao contexto esportivo, expandindo-se, também, ao contexto social.

Para além disso, neste contexto de formação de atletas, há muitas variáveis que podem afetar o processo de formação. Uma delas é a crença acerca da necessidade do “dom” ou “talento” para se chegar ao sucesso no esporte. Ressalta-se que, segundo Paoli (2008), o jogador talentoso é aquele que possui habilidades motoras, técnicas, físicas, intelectuais e emocionais acima da media de um determinado grupo. Contudo, Cavichioli et al. (2011) ao examinar, cuidadosamente, a formação esportiva no futebol, observou que o conceito de talento inato para o futebol, popularmente chamado de “dom”, está presente desde o início da formação do atleta, materializado naqueles que chegaram ao alto nível, independente das experiências motoras à que foram submetidos. Este fato é observado em uma entrevista ao Jornal Nacional, dia 21 de janeiro de 1999, onde Edson Arantes do Nascimento (Pelé), considerado por muitos como o maior jogador de futebol do mundo, declarou que “futebol não se ensina, pois quem sabe jogar, já nasce sabendo”, reforçando a crença que já se nasce no Brasil sabendo jogar futebol (SCAGLIA, 1999, p.35). Assim, percebe-se que este é um tema muito complexo, pois ao afirmar que o “dom” é algo obrigatório para se chegar ao sucesso no esporte, o processo de formação torna-se inútil.

Diante dessa análise e das contradições existentes na concepção do processo de formação do futebolista, o objetivo do presente trabalho foi investigar as concepções dos treinadores sobre a formação dos atletas de futebol, ou seja, como os mesmos percebem o processo de formação dos seus alunos/atletas.

Saliento que a escolha desse tema de pesquisa foi pela aproximação pessoal com o futebol e pelo interesse de descobrir como treinadores enxergam o processo de formação de seus atletas. Para além disso, senti a necessidade de pesquisar sobre esse tema devido à restrição literária dos estudos nesta área na literatura brasileira.

2. CAPÍTULO I – REVISÃO DE LITERATURA

2.1 – O Treinador e o processo de formação esportiva

O Futebol é uma modalidade esportiva inserida no grupo dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC), ou seja, é um jogo caracterizado por situações variadas, aleatórias e imprevisíveis sendo que dois conjuntos de situações exatamente iguais nunca ocorrem (GARGANTA, 2000). Assim, percebe-se a complexidade do fenômeno e, conseqüentemente, a complexidade de formar atletas para jogar esse tipo de modalidade. Neste âmbito, percebe-se que se torna necessário formar atletas com amplo leque de capacidades para resolver as situações problemas que ocorrem no jogo, uma vez que estas nunca serão as mesmas (GALATTI et al. 2016).

Diante dessa complexidade é necessário primeiramente focar nos treinadores que são os responsáveis por proporcionar a esses atletas uma formação de qualidade. Rosado e Mesquita (2007) relatam que treinadores bem formados são capacitados para enfrentar os limites do seu conhecimento, ou seja, ele estará sempre preocupado em alcançar o ápice da sua profissão. Diante disso, a formação acadêmica de um treinador se torna essencial, pois o espaço acadêmico é um local de curiosidade aonde esse treinador terá meios para se desenvolver.

Seguindo essa linha de raciocínio, Siedentop e Elder (1989) relatam que um treinador de alto nível precisa saber sintetizar todo esse seu conhecimento e passar de maneira simplificada para que os atletas compreendam e apliquem o que lhes foi transmitido. Schempp e McCullick (2011) complementam dizendo que é de suma importância o treinador se preocupar com a eficácia da sua comunicação e saber mudar a estratégia comunicativa caso necessário.

Neste âmbito, o treinador tem um papel fulcral na formação esportiva, uma vez que o treino, quando realizado de forma atempada e contextualmente situado, tem a capacidade de maximizar os benefícios desportivos dos alunos/atletas de qualquer nível, ou seja, a qualidade do profissional e de seu treino reflete diretamente na formação esportiva dos alunos/atletas. Neste contexto, pode-se afirmar que o processo de formação, realizado adequadamente, é essencial, pois o treinador terá ferramentas suficientes para guiar seus alunos/atletas durante o

processo de ensino e aprendizagem, bem como oportunizará níveis mais elevados de prática (KNOWLES; BORRIE; TELFER, 2005).

Assim, o treinador é o profissional que tem a função de conduzir o processo pedagógico de treino esportivo, por meio de saberes próprios, mobilizando competências derivadas da produção e utilização de conhecimentos diversificados (científicos, pedagógicos, organizacionais, etc.) e integrando-os para agir nas situações esportivas (AFONSO; MESQUITA, 2013). A ação dos treinadores depende da aquisição de um conjunto de competências que se expressam na habilidade de tomar decisões com êxito e adaptadas ao contexto situacional (BATISTA; GRAÇA; MATOS, 2008). Neste contexto, a competência do treinador assenta na estrutura cognitiva que, do ponto de vista operacional, engloba conhecimentos, habilidades, atitudes, meta-cognição e pensamento estratégico, bem como pressupõe tomadas de decisão conscientes e intencionais para lidar com situações complexas e imprevisíveis (WESTERA, 2001). Na recolha de informações da literatura percebe-se que os treinadores, com a experiência na função, realizam treinos eficazes ao longo de um extenso período de tempo (BOWES; JONES, 2006), tomam boas decisões (ABRAHAM; COLLINS, 1998; NASH; COLLINS, 2006), ensinam, atempadamente, habilidades específicas do esporte (BUCKHAM, 2013), possuem elevado conhecimento sobre o esporte (KNOWLES; BORRIE; TELFER, 2005) e mostram competências ao nível do pensamento crítico (ABRAHAM; COLLINS, 1998).

Estudos de Jones e Standage (2006) e Jones e Wallace (2006) realçaram a importância da experiência do treinador na fundamentação e racionalização das decisões tomadas, com particular incidência no relacionamento interpessoal com os atletas e na promoção de ambientes de prática com impacto na qualidade das experiências dos atletas. De acordo com Dieffenbach; Gould; Moffett (1999) o conhecimento específico do esporte é um dos aspectos mais relevantes do treinador e, para além disso, os treinadores, quanto mais experientes, são bons em avaliar as técnicas, aspectos táticos e estratégicos, bem como as equipes adversárias (BECKER, 2009). Em contrapartida, Schempp; McCullick; Grant (2012) e Schempp et al. (2007) afirmam que o treinador inexperiente apresenta dificuldades na escolha dos meios para promover o melhor clima para o aperfeiçoamento do praticante e está excessivamente preocupado em manter o controle de tudo o que se passa no

treino e na competição. Bouthier (1988) complementa falando que o conceito tático ou estratégico é tudo o que é treinado e decidido que será feito antes do jogo assim organizando a equipe de acordo com cada adversário. O treinador precisa ter a capacidade de extrair informações do jogo, perceber situações favoráveis e desfavoráveis e os seus planos estratégicos devem ser flexíveis, pois é preciso adaptar a situações inesperadas que ocorrem durante o jogo (SAURY; DURAND, 1998).

Na visão de Bian (2003), o processo de treinamento e formação de atletas depende da experiência do treinador, sendo que os treinadores experientes constituem um grupo de pessoas de elite, altamente especializados, que possuem características únicas, promovem grande impacto nos seus atletas e na sua modalidade desportiva. Salienta-se que a expertise dos treinadores se mostra dependente da prática deliberada com duração entre 9.000 e 12.000 horas de experiências no esporte específico, sendo que a especialização do treinador depende da integração entre conhecimentos acerca do esporte, rendimento dos atletas e os diferentes contextos de trabalho (CÔTÉ; GILBERT, 2009). Neste sentido, Burden (1990) apresentou uma classificação relativa à experiência, estruturada do seguinte modo: Fase de iniciação (1 a 2 anos de experiência, conhecimento limitado); Fase de ajustamento (3 a 4 anos de experiência, planejamento/organização); Fase de estabilização (5 ou mais anos de experiência, comando de atividades de ensino e ambiente).

Diante dessa análise, pode-se afirmar que é de suma importância que o treinador tenha uma boa formação acadêmica, uma vasta experiência na modalidade ensinada, ser capaz de transmitir o conhecimento que ele possui, ou seja, preocupar-se com as suas estratégias comunicativas e ter um bom conhecimento estratégico do jogo.

2.2 – Estudos acerca da formação de atletas

A intervenção prática dos treinadores ocorre em diferentes domínios, ou seja, em diversos contextos esportivos. Esta mostra-se dependente dos constrangimentos específicos da sua ação e relaciona-se com as aspirações dos atletas, o estágio de

desenvolvimento do atleta, as habilidades do treinador, o contexto organizacional e social (CÔTÉ; GILBERT, 2009).

Côté, Baker; Abernethy (2007) apoiam um processo de formação esportiva mais amplo (holístico), ou seja, o processo encoraja os participantes a focar nos outros benefícios que esporte pode trazer, tirando o foco somente dos resultados. Essa visão engloba todos os aspectos da formação do atleta sendo eles: interação social, desenvolvimento físico, cognitivo, esportivo, etc. Percebe-se que o processo é complexo e envolve muitas variáveis para ser bem sucedido. Ericsson et al. (1993) expõe que para o atleta desenvolver o seu máximo potencial é necessário treinamento de muitos anos e um ambiente que o proporciona recursos para desenvolver suas potencialidades. Diante disso, Reis et al. (2014) realizaram uma pesquisa com o objetivo de analisar os recursos utilizados nas categorias de base de Minas Gerais e a percepção dos treinadores sobre a importância destes recursos no processo de formação do atleta. Estes autores entrevistaram os atletas das equipes sub-19 e seus respectivos treinadores. Os treinadores de Minas Gerais indicaram precariedade na estruturação dos recursos na formação do jovem atleta, por exemplo, os atletas nunca tiveram um acompanhamento com um psicólogo. Para além disso, neste estudo, observou-se que o único incentivo dos clubes era o vale-transporte (só para categoria sub-19) e o único recurso que esses atletas obtiveram em todas as categorias foi um espaço apropriado para a prática e a presença de um treinador.

Tendo como referência o complexo sistema de formação esportiva, Côté (1999) classifica o desenvolvimento esportivo em três etapas: a) até os 13 anos de idade, etapa inicial de aprendizagem (fase da experimentação), a família é responsável pelo incentivo à prática esportiva; b) dos 14 aos 15 anos de idade, essa fase é a da especialização, ou seja, é nesse momento que o jovem se incentiva a melhorar, já não é necessário um apoio familiar intenso – é nessa fase que o jovem começa a demonstrar interesse por uma modalidade esportiva específica e é necessário aumentar o seu compromisso com os treinos e jogos -; c) após os 16 anos, é a fase de investimento onde ocorre um treinamento mais profundo da modalidade - nessa fase o atleta já tem condições físicas e psicológicas para ter uma autonomia sobre sua vida esportiva, ou seja, ele tem autonomia para saber se quer continuar investindo para chegar ao alto rendimento. Para além disso, Lopes e

Maia (2000) relataram que dos 7 aos 12 anos é a idade sensível e essencial para aprendizagem de capacidades básicas para realização do esporte, como aprendizagem das capacidades motoras, capacidades de reação visual, reação auditiva e aprendizagem e aprimoramento da capacidade de equilíbrio, ou seja, no processo de formação esses atletas precisam passar por essas vivências nesse período específico aonde a captação e aprendizagem dos estímulos será maior. Durante esse processo de formação o treinador esportivo deve se preocupar com o desenvolvimento dos alunos/atletas em três vertentes para se realizar uma formação completa e ampla: (a) aprimoramento físico, técnico e tático: é fundamental promover a aprendizagem das competências da modalidade; (b) desenvolvimento psicológico: é importante proporcionar atividades que estimulem a capacidade de controle emocional e a preparação mental para os desafios naturais do desporto e da competição; (c) relacionamento social: é importante estimular atitudes e comportamentos de cooperação e apoio mútuo na relação com os colegas de equipe, bem como comportamentos socialmente aceitáveis na relação com todos os intervenientes no fenômeno esportivo (MARTENS, 1987).

Complementarmente a isso, um estudo realizado por Milistetd et al. (2008) enfatizou a importância da competição para incentivar a aprendizagem dos alunos/atletas. De acordo com os autores a criança só se desenvolve tecnicamente e mentalmente se tem a possibilidade de superação. Os treinadores entrevistados neste estudo identificaram a importância da competição, relatando que além desta incentivar os alunos, ocorre o desenvolvimento psicológico destes, observado por meio do aumento da autoestima, confiança e autonomia. Ademais, os treinadores apontaram que a competição propicia feedback acerca do desempenho dos alunos/atletas e permite identificar quais aspectos táticos, técnicos, psicológicos e etc. precisam ser desenvolvidos. Ainda acerca da competição esportiva, Cushion (2007) expõe que infelizmente na etapa de formação a competição ainda está ligada ao vencer e isso limita o potencial dela. Ele relata que a competição deve proporcionar oportunidades para os atletas se interagirem, se divertirem e desenvolverem suas competências pessoais e sociais. Coakley (2016) relata que com a aproximação ao alto nível de rendimento é impossível não focar nos resultados, pois há pressão para vencer e os treinadores acabam deixando de lado

outros benefícios que a competição concede e focam só no resultado final da partida.

Por outro lado, observa-se no estudo de Galatti et al. (2016) uma perspectiva diferente. Neste estudo foram entrevistados treinadores de futebol afim de coletar dados da percepção deles sobre a formação dos jogadores. Os treinadores relataram que no processo de formação é de suma importância estimular a capacidade de tomada de decisões, sendo que, a maioria dos treinadores relatou a utilização de jogos situacionais para estimular os atletas a terem autonomia na hora de realizar qualquer ação, ou seja, o foco deles era que os atletas resolvessem os problemas enfrentados sem determinar a solução do problema. Ademais, Galatti et al. (2016) discutiram acerca das características que os treinadores desejavam que os seus jovens atletas apresentassem e observou-se que os treinadores indicaram: comprometimento, personalidade, disciplina e que tivessem a capacidade de se relacionar bem dentro e fora do clube. Ainda, segundo Galatti et al. (2016), a maioria dos treinadores relatou que a formação de atletas é mais importante do que ganhar campeonatos e os treinadores relataram a sua preferência em ver seus atletas em categorias profissionais do que em ser campeões nas categorias de base. Além disso, todos treinadores acreditavam em uma formação ampla, ou seja, os atletas deveriam ser educados para a vida, jogando futebol ou não.

2.3 – O processo de formação no futebol

A formação esportiva, em sua maior parte, é realizada nos treinamentos diários, que objetivam melhorar o desempenho do atleta de forma geral (físico, técnico, tático e cognitivo). Mahlo (1980) relatou três valências importantes para o sucesso em qualquer modalidade esportiva inserida no grupo dos Jogos Desportivos Coletivos (JDC), sendo: uma boa leitura de jogo, tomada de decisão adequada com a leitura realizada anteriormente e por último o ato técnico, ou seja, colocar em prática tudo o que foi pensado em fazer. A partir dessa compreensão, surgem muitas discussões sobre qual dessas valências merecem um maior foco na formação esportiva: saber realizar a ação pensada com perfeição ou ter uma boa leitura de jogo e um bom repertório de tomadas de decisões.

Assim, Scaglia et al. (2013) consideraram que durante esse processo de formação os atletas precisam passar por diversidade de experiências, originando o processo nomeado como “iniciação plural”. As experiências citadas pelo autor foram direcionadas mais para o lado tático da formação, por exemplo, utilização de diferentes formações táticas e proporcionar a esses atletas vivências posicionais e funcionais diversificadas ao longo do processo de formação. Neste âmbito, Côté; Lidor; Hockfort (2009) e Galatti et al. (2014) relatam que durante o processo de formação é necessário promover discussões de valores, comprometimentos, responsabilidades e estimular nos atletas uma boa interação com colegas de equipe, treinadores e familiares, pois dessa maneira se formara cidadãos do bem dentro e fora de contexto esportivo.

No estudo de Ford; Yates; Williams (2010) observou-se o comportamento de diferentes treinadores e as suas atividades de treinamento diárias. Foram divididos os modelos de treinos em duas categorias um com o foco analítico (físico, fundamentos, técnica) e outro com o foco mais no jogo (situações de jogos e tomada de decisões). Percebeu-se que três quartos do treino eram focados para o lado analítico, ou seja, para esses treinadores entrevistados era necessário primeiramente dominar as técnicas e os fundamentos do jogo e se preparar fisicamente para depois poder jogá-lo.

Por outro lado, Queiroz (1983), Garganta e Pinto (1998), Araujo (1995) e Garganta (1997) mostram-se contrários a esta tendência, ou seja, acreditam que a melhor maneira de formar um atleta de futebol é por meio de jogos. De acordo com os mesmos não se pode fragmentar um esporte tão dinâmico colocando exercícios analíticos de fundamentos descontextualizados do jogo, uma vez que se objetiva a formação de jogadores inteligentes que compreendem o jogo. Neste viés, os fundamentos técnicos devem ser ensinados a partir do jogo, uma vez que atividades analíticas em si propiciariam a formação de jogadores robotizados.

Seguindo essa linha, Tavares (1996) expõe que quando se foca nas capacidades motoras dos atletas esse processo acaba se tornando ineficaz já que ele é descontextualizado do que realmente acontece no jogo. Assim, um bom desempenho desses atletas depende em primeira análise das capacidades deles de leitura de jogo e tomadas de decisões e, complementarmente a isso, Garganta e Pinto (1994) e Gréhaigne e Guillon (1992) relatam que no jogo, quando o atleta se

depara com um problema, deve saber o que fazer primeiramente para depois resolver o problema, ou seja, há a detecção do problema, identificação da melhor maneira para resolver e, por fim, seleção da resposta motora mais adequada ao contexto esportivo.

Diante dessas exposições acerca do fenômeno da formação esportiva percebe-se a complexidade de se formar um atleta, pois envolve muitas variáveis que necessitam ser trabalhadas conjuntamente e com qualidade para proporcionar a esses atletas uma formação que os moldará esportivamente e socialmente.

3. MÉTODOS

3.1 PESQUISA QUALITATIVA

O presente estudo foi realizado a partir dos pressupostos da pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa se refere a pesquisa que não é traduzida em números, na qual pretende verificar a relação da realidade com o objeto de estudo, obtendo várias interpretações de uma análise indutiva por parte do pesquisador. (RODRIGUES, BRITO, CAMPANHARO, 1995).

Mucchielli (1991) descreve o método qualitativo da seguinte forma:

Os métodos qualitativos são métodos das ciências humanas que pesquisam, explicitam, analisam, fenômenos (visíveis ou ocultos). Esses fenômenos, por essência, não são passíveis de serem medidos (uma crença, uma representação, um estilo pessoal de relação com o outro, uma estratégia face um problema, um procedimento de decisão...), eles possuem as características específicas dos “fatos humanos”. O estudo desses fatos humanos se realiza com as técnicas de pesquisa e análise que, escapando a toda codificação e programação sistemáticas, repousam essencialmente sobre a presença humana e a capacidade de empatia, de uma parte, e sobre a inteligência indutiva e generalizante, de outra parte (p.3).

Diante disso, optamos pela pesquisa qualitativa, pois buscamos compreender por totalidade como os treinadores enxergam o fenômeno do processo de formação de atletas no futebol. Sendo assim, será descrito o fenômeno em questão de forma mais autêntica possível observando os dados coletados e relacionando-os com o contexto de origem.

3.2 INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

A técnica utilizada para coleta dos dados foi a entrevista semiestruturada com o auxílio de um roteiro de perguntas para guiar no processo da realização da entrevista. Para Gerhardt e Silveira (2009) a entrevista é uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. Segundo o mesmo autor existem vantagens de se utilizar a técnica da entrevista, como: (a) não exige que o entrevistado saiba ler e escrever; (b) permite a obtenção de dados com elevado nível de profundidade; (c) oferece maior garantia de respostas do que o questionário.

Rosa e Arnoldi (2006) complementam descrevendo a entrevista como:

A entrevista é uma das técnicas de coleta de dados considerada como sendo uma forma racional de conduta do pesquisador, previamente estabelecida, para dirigir com eficácia um conteúdo sistemático de conhecimentos, de maneira mais completa possível, com o mínimo de esforço de tempo (p. 17).

Para além disso, segundo Gerhardt et al. (2009), a entrevista semiestruturada tem as seguintes características:

O pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal (p. 72).

Sendo assim, foi definido previamente um roteiro de questões para guiar a entrevista. Inicialmente, os treinadores responderam as questões que permitiram a caracterização da amostra, tais como instituição de trabalho, tempo de experiência como treinador, formação, experiência como atleta e categoria em que já atuou/atua. Após as informações iniciais supracitadas, os treinadores responderam as seguintes questões:

- 1) Na sua opinião, um atleta de futebol pode ser formado para o alto rendimento?
- 2) Embasado na sua experiência, como deve ocorrer o processo de formação de um jovem atleta de futebol?
- 3) Em quais idades devem ser iniciadas o processo de formação esportiva orientado para o futebol, tendo em vista um futuro no alto rendimento?
- 4) Como deve-se dividir esse processo de formação desde a infância até a fase adulta e quais as principais características em cada uma das fases desta formação?
- 5) A compreensão tática é essencial para um jogador ter sucesso no futebol? E como deverá variar a solicitação tática ao longo de cada etapa da preparação esportiva?
- 6) Existe algum jogador em determinada situação que deveria receber uma carga de treino maior do que os outros? Se sim, especifique em quais situações e explique?

- 7) Quando, na etapa de formação, deve-se iniciar a especialização das posições dos jogadores e o momento da especialização é igual pra todas as posições?
- 8) Como você concebe a detecção e seleção de talentos dentro do processo de formação de jovens atletas no futebol?
- 9) Na sua concepção, qual a função da competição organizada na formação esportiva?
- 10) Qual o papel do clube no processo de formação do jogador de futebol?
- 11) Qual o papel da CBF no processo de formação do jogador de futebol?

Todas as entrevistas foram gravadas com um aparelho celular da marca IPHONE 4s e transcritas integralmente, garantindo total confiabilidade dos dados e preservando as ideias tais como elas foram expressas pelos participantes. A entrevista só foi realizada após a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelo entrevistado.

3.3 CRITÉRIOS DE SELEÇÃO DOS SUJEITOS PARTICIPANTES

Para selecionar e incluir os participantes na pesquisa foram determinado os seguintes quesitos: (1) atuarem como treinadores de equipes de categorias de base no estado de Goiás e (2) demonstrar disponibilidade para realizar as entrevistas. Analisando esses quesitos, quatro treinadores se encaixaram nos pré-requisitos, sendo que estes treinadores atuam em equipes de futebol que disputam as séries A ou B do campeonato brasileiro de futebol e são responsáveis pelos treinamentos de equipes Sub-15, sub-17 e sub-19 de futebol masculino.

Quadro 1- Dados de identificação dos treinadores pesquisados.

Treinadores	Idade	Tempo de Experiência como Treinador	Tempo de Experiência como Jogador	Jogadores Convocados para Seleção Brasileira de Base	Títulos Conquistados
T1	41	8 anos	5 anos	4 Jogadores	6 Títulos Estaduais

	anos			Convocados	
T2	27 anos	6,5 anos	5 anos	Nenhum Jogador Convocado	6 Títulos Estaduais
T3	48 anos	7 anos	19 anos	3 Jogadores Convocados	3 Títulos Estaduais
T4	29 anos	5 anos	2 anos	5 Jogadores Convocados	3 Títulos Estaduais

Fonte: Pesquisa direta. Elaboração do pesquisador

3.4 TÉCNICAS UTILIZADAS PARA ANALISAR OS DADOS

Segundo Gerhardt et al. (2009) a análise de dados tem como objetivo organizar os dados de forma que fique possível o fornecimento de respostas para o problema proposto. Assim, o presente estudo utilizou a técnica de análise de conteúdo, que segundo Bardin (1979, p. 42) é definida como:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que visam a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens.

Dentro das modalidades da Análise de Conteúdo optamos pela técnica da análise temática que, de acordo com Gerhardt et al. (2009) e Minayo (2007), se inicia pela leitura das falas realizada por meio das transcrições das entrevistas. Após este processo, se organiza e analisa os dados através de várias leituras para que o analisador se familiarize com o conteúdo e, logo em seguida, classifique os dados por meio de recortes do texto que permitam identificar e aprofundar as informações obtidas.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O presente trabalho buscou a compreensão de como os treinadores de base concebem o processo de formação em sua integralidade. Sendo assim, durante a entrevista deixamos os treinadores livres para discorrerem sobre o assunto levando em consideração as experiências vividas dos mesmos durante as etapas do processo formativo.

Iniciamos a entrevista questionando os treinadores sobre a possibilidade de se formar um atleta para o alto rendimento e todos concordaram que é possível formar um atleta de alto nível, bem como realçaram a importância do processo formativo a longo prazo. Contudo, houve divergências acerca das justificativas que embasaram estas respostas. O T1 relatou que o atleta pode ser formado para o alto rendimento, mas a preparação precisa iniciar em idades iniciais e por meio da inserção do atleta em escolinhas de futebol. Além disso, este treinador indicou que a escolinha é necessária por permitir que o atleta vivencie as etapas iniciais e mais sensíveis para a aquisição de gestos motores, respeitando-se as fases sensíveis de aprendizagem. O T2 relatou a importância do processo de formação longitudinal, iniciando na escolinha e chegando ao alto rendimento, da seguinte forma:

[...] a passagem do menino pela escolinha é essencial para que este possa criar um espírito competitivo diferente, já saber lidar com os companheiros, já saber lidar em uma situação em equipe, em grupo. É..., e também sem falar dos fundamentos técnicos e cognitivos que começam na escolinha (T2).

Em convergência com os treinadores supracitados, o T3 confirmou a importância do processo de formação a longo prazo, bem como as fases sensíveis de aprendizagem e acrescentou a necessidade da vivência esportiva, como é possível observar no trecho abaixo:

[...] acredito que toda criança antes de vir para o futebol de campo precisa passar alguns anos no futsal dos 8 aos 12 anos, pois acredito que no futsal a criança terá mais contato com bola, aprenderá a resolver situações problemas em espaços curtos e essa aprendizagem que foi feita no futsal auxiliará muito essa criança quando ela for para o campo. Falo isso porque vejo muitas crianças iniciando sua trajetória no futebol de campo já e, como ainda não tem noção de posicionamento, acabam tendo pouco contato com a bola e acho que isso prejudica muito o processo de formação delas porque

eu acredito que quanto mais contato a criança tem com a bola melhor é para a sua formação (T3).

Por outro lado, o T4, apesar de acreditar que é possível formar um atleta para o alto rendimento, expõe que isso só é possível a partir da melhora do potencial inato do atleta, tal como descreve:

[...] a gente pode melhorar o atleta, mas você pegar um atleta do zero e falar que você forma ele eu não acredito nisso. Eu acho que você pode potencializar e melhorar o potencial que ele já tem. O atleta até pode ser formado do zero, mas acredito que ele vai chegar a um certo nível. Em uma escala de zero a dez creio que esse atleta pode chegar no máximo ao nível sete com todo um trabalho, um planejamento ele consegue chegar a esse nível, mas para ele passar desse nível eu não acredito que ele consiga. Eu vejo cada atleta individualmente, alguns têm capacidades para chegar ao nível 10, mas alguns no máximo um nível 6, 7. Então é importante ter isso mente durante o processo formativo (T4).

Lopes e Maia (2000) relataram que dos 7 aos 12 anos é a idade sensível e essencial para aprendizagem de habilidades motoras, de reação visual e aprimoramento do equilíbrio para realização do esporte, concordando com os relatos do T1 e o T2. Por outro lado, Cavichioli et al. (2011) relatam que o futsal oportuniza o aprendizado mais efetivo para a aquisição de habilidades cognitivas inerentes ao futebol, uma vez que permite a criança maior contato com a bola e, conseqüentemente, a participação efetiva em jogos com espaços reduzidos, corroborando com o relato do T3. Contradizendo os demais treinadores, o T4 conclui que o sucesso no esporte baseia-se no talento inato que deve ser potencializado, convergindo com Cavichioli et al. (2011) que apontam o conceito de talento inato para o futebol materializado naqueles que chegaram ao alto nível, independente das experiências motoras à que foram submetidos. Ainda nessa perspectiva, Paoli (2008) afirma que o talento carece de um processo de desenvolvimento para se chegar ao seu máximo potencial, assim dando grande importância ao processo formativo a longo prazo.

Ao serem questionados acerca de como deve ocorrer o processo de formação dos jovens atletas, os treinadores apresentaram discordâncias. O T1 relatou que o clube em que trabalha é certificado como clube formador pela CBF (Confederação Brasileira de Futebol) e que o método de ensino utilizado nos treinamentos é

determinado pela CBF. Para além disso, este treinador relatou que o processo de formação deve ocorrer antes dos atletas iniciarem os treinamentos no futebol de campo, como é possível observar abaixo:

O processo para se formar para o alto rendimento se inicia desde a iniciação esportiva. Eu vou até mais além. Já fui preparador físico também e para mim começaria na educação física escolar. Na minha época de estudante certas capacidades físicas a gente desenvolvia na educação física escolar. Pulava, saltava, rolava, agachava. Hoje parece que se trabalha menos isso nas escolas, aí cabe para as escolinhas de iniciação esportiva trabalharem isso. Na iniciação esportiva se trabalha coordenação, correção de movimentos, flexibilidade e muitas das vezes a escolinha não consegue atender, pois o pai vai matricular e quer que seu filho só jogue bola e tem muitas coisas que precisam ser trabalhados na idade sensível dos 8 aos 10 anos, que só cabe ser feito naquela idade (T1).

Ainda sobre o processo de formação, o T1 acredita que o processo formativo do atleta vai até os 23 anos. Essa concepção se assenta no fato dos atletas que estão no sub-19 necessitarem aprimorar aspectos táticos, técnicos e físicos. Contudo, o mesmo ressalta que, no Brasil, somente algumas equipes conseguem manter uma equipe sub-23, obrigando os atletas a comporem equipes profissionais precocemente. Neste contexto, há restrição no processo de formação, tendo em vista que na equipe profissional há pressão para resultados e bons desempenho e não há preocupação com a formação dos jogadores.

O T2 em concordância com o T1 acredita que o processo de formação não acaba no sub-19 e deve ser continuado até os 24 anos do atleta. O T2 relatou que o processo de formação do atleta, a partir das categorias de base, deve ocorrer da seguinte forma:

[...] o processo de categoria de base se inicia no sub- 15 com aspectos o tanto quanto técnico e as vezes com o aspecto cognitivo sem muita exigência mental, sem muita exigência de nível de concentração e com muito mais fundamento. [...] No sub-17 o trabalho é mais tático, iniciando um trabalho cognitivo um pouco melhor. O nível de exigência de concentração é um pouco maior, o trabalho competitivo um pouco maior. [...] No sub-20, o trabalho do profissional deve ser o mesmo, aí já é um trabalho de moldar, de uma questão tática, de pensar um pouco mais na questão de estratégia. Acho que no sub-20 o jogador já tem que ter um trabalho de fundamento e físico já um tanto quanto bem feito para gente começar a trabalhar um pouco mais o lado estratégico do jogo (T2).

O T3 afirma que o processo de formação se inicia na escolinha, apresentando como objetivo principal motivar os alunos à prática do futebol. Além disso, é necessário considerar que o desenvolvimento das habilidades dos jovens atletas deve ocorrer nas categorias competitivas iniciais, já que o clube formador tem a necessidade de implementar filosofias de trabalho específicas. Assim, o clube exige dos atletas elevado desempenho esportivo desde categorias mais novas, como é possível observar no trecho abaixo:

[...] a partir do sub-15 o menino tem que estar em um nível muito bom, disputando campeonatos em alto nível e se possível vencendo esses campeonatos porque hoje em dia clubes não buscam mais meninos no sub-19 e sub-17 e sim estão cada dia mais querendo meninos mais novos com um bom nível de conhecimento tático e técnico para poder trabalhar esses meninos nas filosofias de seus clubes [...] (T3).

Contrariando o que foi apontado pelos treinadores T1 e T2, o T3 relata que na categoria sub-19 o atleta já terminou o seu processo de formação, pois já pode ser requerido para compor o elenco da equipe profissional. Ele complementa afirmando que: “o menino tem que chegar no sub-19 com um bom nível de compreensão tática, um físico de atleta profissional e uma boa técnica. Nesse aspecto não se pode ter muito coração: ou está pronto ou não está (T3)”.

Já o T4 enxerga o processo da formação do atleta como:

[...] a partir dos 7 anos esses atletas deve passar por um trabalho lúdico e vivenciar a convivência com outras pessoas para ele se sentir bem de estar naquele ambiente. A partir dos 10 anos já pode começar a trabalhar um pouco mais a parte técnica aonde o repertório motor dele vai estar aberto para novas descobertas e tudo mais. Aí a partir dos 13 anos já pode colocar um pouco mais a questão tática, para começar a entender o que é o jogo, o jogo maior o de 11 contra 11 e, a partir do Sub-17, ele já começa a passar por um processo de bastante especialização para ele chegar no Sub-20 sendo tratado praticamente como profissional [...] (T4).

Sobre o processo formativo, Ericsson et al. (1993) expõe que para o atleta desenvolver o seu máximo potencial é necessário treinamento de muitos anos. Complementarmente a isso, Martens (1987) expõe que para se realizar uma formação completa e ampla esse atleta deve desenvolver os aspectos físicos,

técnicos e táticos que é fundamental para a aprendizagem das competências da modalidade; desenvolver também o lado psicológico, ou seja, vivenciar atividades que estimulem a capacidade de controle emocional e a preparação mental para os desafios naturais do desporto e da competição e por último desenvolver o lado social do atleta, ou seja, ser estimulado a atitudes e comportamentos de cooperação e apoio mútuo na relação com os colegas de equipe, bem como comportamentos socialmente aceitáveis na relação com todos os intervenientes no fenómeno esportivo.

Para além disso, ao analisar as respostas dos treinadores detectamos que a visão deles é contrária a tendência atual de ensino. Vilhena (2007), Reverdito, Scaglia e Paes, (2009) e Morreira, Matias e Greco (2013) afirmam que o ensino dos aspectos táticos em detrimento aos aspectos técnicos é mais eficaz no processo de ensino e aprendizagem, oportunizando a formação do jogador inteligente e criativo com capacidade de tomada de decisões e de adaptações às condições inerentes a lógica do jogo.

Ao serem questionados sobre qual a idade para o início do processo de formação esportiva orientado para o futebol de alto nível, os treinadores mostraram-se divergentes. O T1 relatou que, na maioria dos casos, o início do processo de formação deve ocorrer no sub-15, embora seja notória a especialização cada vez mais precoce. Neste contexto o T1 afirma que:

“Esse processo está cada vez mais precoce. A gente já vê equipes de sub-15 entrando bem dentro da especificidade pro alto rendimento. Eu penso, por questão maturacional, que o garoto do sub-15 ainda não fechou sua maturação. A linha epifisária ainda está aberta. Então eu acho que ali é complicado de você iniciar o processo de especialização da modalidade nessa categoria do sub-15. Eu penso que até o sub-15 ainda dá para segurar um pouco. O foco não precisa ser o alto rendimento ainda. Já no sub-17 se entra na especialização mesmo [...] (T1).

O T2 relatou que a partir dos 13 anos deve-se iniciar a especialização visando o alto rendimento. Para este treinador, os atletas, por não apresentarem repertório motor variado oriundo das brincadeiras de rua, devem iniciar a especialização precoce, no intuito de conseguirem atingir o alto nível de desempenho.

O T3 acredita que a idade ótima para iniciar o processo de formação para o alto rendimento é por volta de 15 anos de idade, na categoria sub-15. Assim, este

treinador afirmou que: “[...] no sub-15 é o primeiro ano da categoria de base e se chegaram até lá é porque querem ser jogadores profissionais e já tem bagagem psicológica e técnica mínima para começar a focar no alto rendimento”.

Já o T4 foi mais além dos demais treinadores e relatou que:

[...] na minha maneira de ver, a partir dos 10 anos você consegue, que é o que acontece aqui no clube, começar uma certa especialização. Você consegue passar a ideia de jogo coletivo, de organização tática, de tomada de decisão, o lado cognitivo que eu julgo ser muito importante ser trabalhado, especialmente nas categorias de base, pois se ensina o jogador a pensar o jogo, tomar decisões corretas na hora correta. Então acredito que a partir do sub-10, até pelo desenvolvimento dele, o atleta está pronto para receber novos estímulos e ele já consegue ter um entendimento muito bom e por isso considero essa uma idade adequada para se iniciar essa especialização (T4).

Os resultados contradizem o que as pesquisas nesta área abordam. Segundo Arena e Bohme (2000) até os 12 anos a criança não deve participar de nenhuma atividade esportiva específica com competições formais, mas vivenciar o esporte de maneira livre e sem pressão. Gallahue e Osmun (1998) complementam afirmando que dos 7 aos 10 anos, o ensino deve ser totalmente aberto, ou seja, nessa etapa não há necessidade de correção de movimentos. Neto (2008) expõe que dos 7 aos 10 anos as habilidades esportivas devem ser iniciadas, mas ainda sem especificação de uma modalidade, dos 11 aos 13 pode haver uma especificação da modalidade, porém sem a imposição de uma modalidade a ser praticada e a partir dos 14 anos esse menino já pode participar do esporte formal e de competições. Paes (2004) reafirma em seu estudo que antes dos 12 anos deve se evitar as competições e focar nas atividades que tenham um caráter lúdico, participativo e alegre, oportunizando o ensino das técnicas desportivas através de jogos e brincadeiras. Para além disso, contrariando a tendência apresentada pelos treinadores, Malina (2010), Baker (2009), Myer et al. (2015) e Callender (2010) apontam diversos perigos da especialização precoce, tais como o esgotamento esportivo, a dependência esportiva e as contusões precoces, e sugerem que o processo de formação seja pensado a longo prazo para evitar os perigos supracitados.

Ao serem perguntados como ocorre a divisão do processo de formação e quais as principais características durante cada fase desse processo, todos os treinadores convergiram sobre a necessidade de ocorrer a iniciação até o sub-15, por meio de treinamentos técnicos, por exemplo, o T1 afirmou que:

[...] com 13, 14 anos quanto mais ele poder vivenciar a parte técnica, ou seja, fundamentos básicos do futebol como cabeceio, passe, domínio, melhor será para o seu desenvolvimento. Penso que nessa categoria do sub-16 pra baixo seria ideal pra ele vivenciar essa parte técnica.

Além disso, o T4 relatou a importância de trabalhar a parte cognitiva durante todo o processo formativo, pois é característica do futebol tomadas de decisão rápidas e contextualizadas. A partir do sub-17 todos os treinadores concordaram que é necessário começar a aprofundar nos aspectos relacionados a parte tática e a parte física dos atletas. O T1 expõe da seguinte forma:

[...] no sub-17 já inicia mais profundamente a parte tática. [...] Já na parte física a sobrecarga de exercícios deve começar do sub-17 pra frente que é aonde entra a maturação, consegue-se entrar com um trabalho de força mais especializado (T1).

O T2 complementa afirmando a necessidade da manutenção dos treinos técnicos, conforme observa-se abaixo:

[...] no sub- 17, com essa parte física aliada a técnica, tudo tem que ser feito visando o jogo, com especificidade, com trabalho físico e desenvolvimento físico (T2).

A partir do sub-19 os treinadores concordaram em seus relatos que a parte tática é a mais importante. O T2 explica da seguinte forma a importância do trabalho tático nessa categoria:

Chegando ao sub-19 o trabalho tático passa a ser o mais importante, de estratégia, comprimento de função, de compreensão do jogo, de compreensão da posição, de compreensão do trabalho em equipe, compreensão dos momentos do jogo, do que a equipe espera como modelo de jogo então aí já entra um pouco mais a parte tática [...] (T2).

Os relatos dos treinadores são inconsistentes com a literatura em relação a necessidade de se trabalhar preferencialmente a parte técnica nas etapas iniciais do

processo formativo. Capranica et al. (2001), Davids et al. (2013) e Reilly (2005) expõem que em idade iniciais é fulcral que crianças vivenciem o jogo em seu contexto real através dos jogos reduzidos, pois esses simulam as variabilidades pertinentes ao jogo. Além disso, os autores afirmam que os jogos reduzidos proporcionam mais contato com a bola em situações de jogo, oportunizando o desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão atempada e contextualizada. Além disso, Katis e Kellis (2009) afirmam que os jogos reduzidos possibilita o desenvolvimento dos aspectos técnico subordinados aos aspectos táticos, conferindo lógica ao aprendizado dos atletas.

Para além disso, em relação ao ensino da tática, Greco e Benda (1998) afirmam que dos 15 aos 19 anos esse atleta entra na fase que eles chamam de “fase da especialização” e que nessa fase é objetivado o aperfeiçoamento e a otimização do potencial técnico e tático, que servirão de base para o emprego de comportamentos táticos de alto nível, e a estabilização das capacidades psíquicas. Gallahue e Ozmun (2002) complementam relatando em seu estudo que a partir dos 14 anos o ensino deve ser específico da modalidade praticada e que a partir dessa idade pode se iniciar o aperfeiçoamento dos sistemas táticos.

Os treinadores, ao serem questionados sobre a compreensão tática para o sucesso do atleta no esporte e como esta varia ao longo da sua formação, concordaram que no futebol atual é necessário que o jogador compreenda taticamente o jogo. Assim, os treinadores acreditam que a compreensão tática deve ser desenvolvida a partir do sub-15. O T1 fala que a variação tática durante o processo formativo deve ocorrer da seguinte forma:

[...] eu penso que deve ser introduzido no sub-15 de maneira mais simplificada, como guardar posição, já no sub-17 é essencial, pois começa a ser trabalhado estratégias táticas para cada jogo e no sub-19 o atleta tem que estar completamente ciente do que fazer taticamente em quase todas as situações de jogo (T1).

O T3 relatou a necessidade do atleta atual ser inteligente e compreender o jogo taticamente, afirmando que:

[...] é essencial no futebol moderno o jogador ter compreensão tática do jogo para se ter sucesso, porque hoje o futebol está cada vez mais tático, estratégico e o jogador que não consegue compreender

e por em pratica o que é passado pelo o treinador, possivelmente não vai ter ascensão no futebol atual. O futebol esta cada vez mais pedindo jogadores taticamente inteligentes do goleiro ao atacante. Hoje em dia é muito difícil ver um zagueiro de sucesso ser aquele jogador burro que está lá só para tirar as bolas. Além dele roubar a bola é necessário que ele consiga sair jogando porque as jogadas do futebol moderno já são planejadas para começar com os goleiros e zagueiros, assim necessitando de jogadores que tenham um bom passe e uma boa visão de jogo em posições que antigamente era aceitável ser somente forte (T3).

Para formar atletas inteligentes e com uma boa compreensão tática é necessária a vivência tática no decorrer do seu processo formativo e o T4 expõe isso da seguinte forma:

[...] eu acho que na formação, principalmente, é muito importante ele vivenciar todos os sistemas táticos, por exemplo, o 4x3x3, o 4x4x2, 3x6x1. Ele precisa saber se comportar diante de qualquer sistema tático proposto pelo treinador, por isso é muito importante ele vivenciar esses sistemas porque dentro do profissional, aonde ele trabalha ele vai saber lidar minimamente com qualquer situação proposta se tornando um atleta mais completo (T4).

Segundo Baker, Cote e Albernethy (2003) a característica chave para a desempenho em alto rendimento é a capacidade de tomada de decisão do atleta, devido a habilidade de perceber e interpretar situações essenciais no ambiente do jogo, para escolher a resposta apropriada para resolução do problema. Afonso, Mesquita e Marcelino (2008, p.145) complementam afirmando que: “a tomada de decisão se baseia mais na intuição do que na reflexão consciente, o treino deve criar situações ajustadas, propiciadoras do acoplamento percepção-acção”. Neste contexto, Costa et al. (2010) afirmam que o treino deve simular as situações que ocorrem no jogo, pois facilita o processo de tomada de decisão do atleta, oportunizando a vivência de situações de jogo e possibilitando melhor desempenho na capacidade de tomar decisões.

Em relação a exigência da tática durante o processo formativo, Américo et al. (2016) afirmam que é aconselhável a comissão técnica inserir os princípios táticos de forma gradual a partir da categoria sub-11. Assim, estes autores sugerem que sejam realizados exercícios para treinamento da penetração e cobertura ofensiva e contenção e cobertura defensiva, devido a menor complexidade. A partir disso, as exigências táticas devem aumentar gradativamente até chegar na categoria sub-17,

onde torna-se necessário melhor compreensão da tática do jogo, tais como a criação de espaços na fase ofensiva, redução do espaço efetivo do jogo na fase defensiva.

Dando sequencias ao questionário perguntamos aos treinadores se existe algum jogador em determinada situação que deveria receber uma carga de treino maior do que os outros. Os T1, T2 e T3 tiveram relatos muito parecidos e selecionaram duas situações distintas. Afirmaram que os atletas com capacidade técnica elevada e fisicamente abaixo dos seus pares deveriam receber maior carga de treino físico, bem como suplementação. Por outro lado, estes treinadores apontaram a necessidade da complementação técnica para atletas deficitários segundo a especificidade da função que realiza nos jogos. Neste âmbito, T1 afirma que: “quando um centroavante que finaliza muito bem com a perna dominante, mas a sua perna contrária necessita de melhora, colocamos esse atleta no nosso projeto chamado “Avançar” que tem como objetivo melhorar esse aspecto que vemos que esta falho no atleta (T1)”.

Contradizendo os demais treinadores, o T4 mostra uma concepção diferente em relação ao aumento da carga de treino, sugerindo potenciar o que esse atleta tem de característica dominante, como é possível observar abaixo:

[...] eu acredito em potencializar o que ele já tem de bom, mas também trabalhar com eles as outras valências físicas para que ele tenha o mínimo para competir, mas sempre focando na sua característica principal que pode fazer ele se destacar futuramente (T4).

Em relação a complementação da parte técnica o T4 acredita que:

[...] acho que é importante trabalhar esses meninos de maneira geral, por exemplo, meus zagueiros treinam finalização também e meus atacantes treinam desarme porque no jogo pode precisar. Então o jogador tem que saber o mínimo de cada valência. Eu creio que é preciso trabalhar todas as valências técnicas, mas é necessário focar na valência que esse menino mais usa durante jogo, por exemplo, se eu tiver um lateral que esta errando muito cruzamento preciso trabalhar isso até exaustão porque ele usa essa valência muito no jogo [...] (T4).

Questionamos os treinadores quando na etapa de formação, deve-se iniciar a especialização das posições dos jogadores e se o momento da especialização é igual pra todas as posições. Os T2 e T3 tiveram relatos similares e indicaram que a

partir do sub-17 deve-se iniciar a especialização das posições, sendo que o T3 expôs isso da seguinte forma:

[...] no sub-17 é necessário que ele saiba a sua posição, o que fazer no momento de defender, o que fazer no momento de atacar, saber o que fazer nos momentos de bolas paradas. Então acredito que no sub-17 é necessário que esse atleta tenha total conhecimento da sua posição, porque no sub-17 as estratégias de jogo são mais delicadas e se esse atleta não compreender sua posição com certeza ele não vai entender as estratégias de jogo que serão passadas (T3).

O T1 relatou que não acredita em especialização de posição e sim em ensinar aos atletas a cumprirem funções dentro de campo. Ainda, para este treinador, o jogador especialista está fadado ao esquecimento dentro do futebol moderno, uma vez que este desempenha uma única função e têm como concorrentes atletas multifuncionais. Assim este treinador destaca que:

Eu tento passar para os meus atletas que hoje em dia não existe posição e sim função. Eu falo para os atletas nos treinos e jogos que eles vão entrar e desempenhar certa função de acordo com as características deles (T1).

Scaglia (1996) em contradição com os treinadores da pesquisa, afirma que a especialização da posição deve começar a partir dos 14 anos, pois o ensino das valências motoras, bem como dos fundamentos já foram realizadas e torna-se necessário aprender a usar cada fundamento de acordo com as exigências da posição. Por outro lado, Mendes e Travassos (2015) afirmaram que a idade ideal para começar a requerer uma organização posicional é a partir da categoria sub-15, pois nessa idade o atleta já possui melhor compreensão do jogo, o que possibilita a exigência de níveis de desempenho elevado para esta categoria.

Ainda nessa perspectiva, Greco e Benda (2001) relatam que a partir dos 13 anos é que se define as posições, pois antes dessa idade o atleta precisa vivenciar todas as outras posições (rodizio de posições). Scaglia et al. (2013) em concordância ao estudo acima, considerou que durante esse processo de formação os atletas precisam passar por diversidade de experiências posicionais e funcionais, dando o nome a esse processo de “Iniciação Plural”. Além disso, Rodrigues (2003), ao analisar o Sport Clube Internacional e o clube Holandês Ajax FC, concluiu que os treinadores apontam que no processo de formação os jogadores devem exercer

diversas funções, pois o futebol moderno exige versatilidade e capacidade para atuar em posições diferentes de acordo com a necessidade do clube, concordando com o T1 e T4.

Aprofundando na análise sobre a formação de atletas, questionamos os treinadores como eles concebem a detecção e seleção de talentos dentro do processo de formação do jovem atleta. O T1 e o T3 apresentaram relatos semelhantes, provavelmente por trabalharem na mesma equipe. Ambos relataram que é importante que os clubes do Brasil tenham um laboratório de captação de talentos, responsável por viajar o Brasil atrás de talentos para o clube. Segundo os treinadores esse método é eficaz para o clube e para os atletas, pois o clube torna-se mais assertivo na escolha do atleta para suprir a demanda existente, ao mesmo tempo que reduz a possibilidade de abandono do atleta. O T3 afirma ser eficaz esse método, apontando que: “é mais proveitoso porque os meninos que são escolhidos já chegam para treinar com elenco, participar dos campeonatos o que para mim é uma maneira mais justa de se avaliar (T3)”.

Além dessa captação realizada pelo laboratório o T3 nos relatou outra forma de seleção de talentos que é:

[...] esses meninos são monitorados desde a sua iniciação no clube e assim é percebido os que têm talento que podem gerar algo no futuro para o clube. Essa é uma maneira de detecção de talentos que é muito eficaz, mas é a longo prazo (T3).

O T2 relatou que a detecção e seleção de talentos baseia-se em aspectos técnicos, tal como observa-se abaixo:

[...] eu baseio principalmente nos aspectos técnicos, principalmente por função exercida dentro de campo. Eu acredito no jogador que é muito bom em alguma coisa [...]. Baseio a detecção de talentos em algo que o atleta é muito forte, a característica predominante do jogador, por exemplo, o jogador tem um bom desarme, jogador tem um bom cabeceio e por ai vai. A partir do momento em que temos baseado em uma valência técnica a gente tem um jogador com um nível bacana o restante a gente desenvolve baseado naquele ponto forte que o atleta tem. O atleta precisa ter algo chamativo seja ela técnica ou até física considerando o futebol atual (T2).

Já o T4 relatou que analisa três situações no momento da detecção e seleção de talentos: (a) Tomada de decisão do atleta, ou seja, se o atleta pensa o jogo

rápido, se toma a decisão certa no momento certo e se ele pensa a frente dos outros; (b) A parte técnica, pois de acordo com treinador o futebol moderno está muito “truncado” e o atleta com boa técnica pode alterar o ritmo do jogo com um drible, um passe ou até mesmo um domínio diferente; (c) Se o atleta tem personalidade, que segundo o T4 é um jogador que: “se impõe nos treinos e nos jogos. Ele não é mais um só no elenco. Ele chama a responsabilidade do jogo, não esconde em situações complicadas que ocorrem durante o jogo. Ele consegue levantar a equipe dentro de campo cobrando quando necessário e elogiando quando necessário (T4)”.

Corroborando parcialmente com os resultados, Saether (2014) em sua pesquisa percebeu que os treinadores, durante o processo de seleção de talentos, observam com mais cuidado os aspectos técnicos e aspectos psicológicos. Por outro lado, Christensen (2009) observou que os treinadores procuravam por atletas que apresentavam potencial de aprender e evoluir de acordo com os estímulos ofertados durante os treinos. Para Lago-Peñas et al. (2014), no momento de seleção e detecção de talentos deve-se observar as características antropométricas de acordo com a posição do atleta, bem como aspectos físicos tais como a velocidade (GIL et al., 2014; HIROSE; SEKI, 2016).

Continuando a entrevista perguntamos aos treinadores qual é a função da competição organizada na formação esportiva. Todos os treinadores concordaram que a competição é importante no processo de formação, porém apresentaram justificativas distintas sobre a importância da competição. O T1 relatou que: “ser campeão nas categorias de base não é o divisor de águas que dirá se o atleta será um jogador profissional ou não”. Ele completou dizendo que a competição oportuniza benefícios para os atletas, como:

[...] eu acredito que o vencer e o perder, que a competição traz, faz parte do processo de formação porque essa experiência trará benefícios para os jogadores como, competitividade, jogar sobre pressão e formará atletas fortes para aguentar resultados positivos e negativos quando chegar nas categorias profissionais. Só que não vejo ela como o principal elemento para a formação do atleta [...].

O T2 concordou com o T1 afirmando que a competição ensina o atleta a lidar com a vitória e a derrota, jogar em equipe e ter autocontrole. Além disso, este pontuou que durante a competição o atleta é estimulado a resolver as situações

problemas sozinho sem a intervenção direta do treinador, moldando um atleta inteligente com a capacidade de tomada de decisão rápida e autônoma.

Já o T3 destacou que a competição é importante para colocar os atletas na vitrine, ou seja, a competição serve para divulgar os atletas para que possam ser vistos por times de grande expressão, como é possível observar abaixo:

Penso que na categoria de base a principal função da competição é além de continuar formando esses atletas para um futuro nas categorias profissionais, serve também como vitrine pra esses meninos. [...] então as competições são as principais vitrines para que os atletas possam se destacar no cenário do futebol [...] (T3).

Por outro lado, o T4 relatou que a competição é importante para formar o atleta e o cidadão, pois permite a compreensão dos motivos que levam a vitória e derrota, auxiliando na formação do ser humano para além do esporte. No seu relato o T4 destacou a pressão de resultados durante o processo formativo e mostrou-se preocupado com este tipo de abordagem, pois acredita que o processo de formação pode ser influenciado negativamente, como é possível observar abaixo:

[...] eu penso que a competição tem que ser trabalhada de maneiras diferente durante o processo de formação. Com a minha vivencia eu vejo que esses meninos são cobrados desde os 5 anos de idade pela família. Então cabe ao treinador diminuir essa pressão em cima dos meninos. Creio que a partir dois 12 anos pode começar a se cobrar um pouco de resultado, mas é necessário saber a maneira correta de cobrar porque são crianças ainda e isso pode acarretar problemas futuros para essas crianças como a desistência do esporte. Eu acredito que seja positivo cobrar minimamente os resultados nessa idade porque vai melhorar o emocional e o psicológico desses meninos (T4).

Milistetd et al. (2008) afirma em seu estudo que os treinadores consideraram a competição como fulcral na formação desportiva, desde que orientada por valores pedagógicos fundamentados e voltados à inclusão. No mesmo estudo os treinadores entrevistados relataram os principais objetivos da competição, como: (a) incentivar a aprendizagem dos atletas, pois a criança só se desenvolve tecnicamente e mentalmente se tem a possibilidade de superação; (b) desenvolvimento psicológico dos atletas, observado por meio do aumento da autoestima, confiança e autonomia; (c) propicia feedback acerca do desempenho dos atletas e permite identificar quais aspectos táticos, técnicos, psicológicos e etc, precisam ser desenvolvidos.

Wiersma (2005) e Fonseca (2004) afirmam que a competição deve ser exigida de maneiras diferentes durante o processo formativo, ocorrendo de forma progressiva, segundo a idade, maturação e o desempenho da criança no esporte e, se necessário, deve ser adaptada no início da formação esportiva, por meio da diminuição do tamanho do terreno de jogo, diminuição do número de jogadores e eliminação do goleiro, para gerar a melhor aprendizagem. Assim, Gallahue (2005) propõe uma adequação do treinamento e das competições no processo de formação esportiva, conforme é possível identificar no quadro 2:

Fase/Estágio de desenvolvimento	Treinamento recomendado para a proporção de competição
Fase de movimento fundamental	
- Estágio inicial	100% / 0%
- Estágio elementar	90% / 10%
- Estágio maduro	80% / 20%
Fase de movimento especializado	
- Estágio de transição	70% / 30%
- Estágio de aplicação	60% / 40%
- Estágio de aplicação ao longo da vida	40% / 60%

Quadro 2: Percentual de treinamento sugerido para proporção de competição
Fonte: Gallahue (2005)

Dando continuação questionamos os treinadores acerca do papel do clube na formação desses jovens atletas. Todos os treinadores relataram que o clube, além de fornecer a estrutura física de profissionais e materiais, tem a obrigação de formar cidadãos de bem, homens trabalhadores e honestos. O relato do T4 expõe muito bem a opinião dos demais treinadores, relatado da seguinte forma:

O clube tem um papel muito importante. Ele que dá a estrutura tanto física como de profissionais. O clube é que dá o norte para o direcionamento da carreira deles. Eu acredito que além do papel esportivo que é proporcionar a esses atletas, condições de se desenvolverem, o clube tem um papel muito importante no extracampo do atleta que é formar o ser humano, porque o futebol é uma profissão muito difícil de conseguir o êxito. Então, a maioria dos que almejam conseguir realizar esse sonho não conseguem. Nesse momento que entra o clube para ajudar esses meninos a continuarem a vida fora do futebol (T4).

Casarin e Cella (2008) e Campestrini (2009) relataram que atualmente os clubes prestam pouca atenção à escolarização de jovens atletas e preocupam, em sua grande parte, com a formação esportiva. Neste contexto, a CBF criou o certificado de clube formador, obrigando o clube a cumprir uma série de exigências que visam padronizar e possibilitar uma formação esportiva ampla e completa ao atleta (MINISTÉRIO DE ESPORTE, 2011).

Segundo Santos (2011) os clubes devem preocupar com o extracampo dos atletas, ou seja, é necessário que estes atletas sejam formados de forma integral (formação clubística e a formação escolar). Seguindo essa linha de pensamento, Côté; Lidor; Hockfort (2009) e Galatti et al. (2014) relatam que durante o processo de formação é necessário promover discussões de valores, comprometimentos, responsabilidades e estimular nos atletas uma boa interação com colegas de equipe, treinadores e familiares, pois dessa maneira se formará cidadãos do bem dentro e fora de contexto esportivo.

Por fim, encerramos a pesquisa questionando os treinadores qual o papel da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no processo de formação do jogador de futebol. Todos os treinadores acreditam que a CBF precisa dar mais suporte à formação dos atletas de base. Por um lado, os treinadores, sabendo que a competição é um aspecto importante na formação do atleta, mostram-se insatisfeitos com os modelos competitivos adotados atualmente. Assim, estes acreditam que a CBF devia oportunizar que os atletas competições que durassem o ano inteiro, sugerindo que o calendário esportivo fosse elaborado em conjunto com as Federações Estaduais. Neste âmbito, o T2 relata que:

As Federações atrapalham muito, por que uma Federação faz um campeonato de uma maneira e outras fazem de maneiras diferentes. Por exemplo, o campeonato paulista é Sub-20 já o Goiano é Sub-19 e o nível de qualidade de jogo do sub-20 paulista é um e do Sub-19 goiano é outro. Isso tem relação direta com o que as federações proporcionam aos seus atletas tanto de competições, níveis de competições e por ai vai. Na minha opinião a CBF fica a desejar nesse quesito, pois seria melhor criar um protocolo aonde todas as federações deveriam seguir (T2).

Por outro lado, observa-se que a CBF, por meio do convite aos treinadores das equipes de base, busca alinhar os processos de treinamento, bem como fomentar uma filosofia de trabalho da própria CBF. Neste âmbito, o T4 ressaltou que:

[...]De uns três anos para cá a CBF tem convidado pessoas das comissões dos clubes para estar nas comissões da CBF sub-15, sub-17 e sub-19 para acompanhar o trabalho da CBF e captar qual a metodologia que está sendo pensada e trabalhada lá para poder utilizar nos clubes e assim facilitar as convocações de atletas (T4).

Segundo Marques (2004) é importantíssimo esses jovens atletas participarem do maior numero de competições possíveis ao longo do ano, pois estas contribuem para a formação do atleta, desde que sejam adequadas ao nível e idade dos atletas. Para além disso, analisando os relatos dos treinadores da pesquisa, refletimos sobre a necessidade da criação de uma filosofia nacional sobre a forma jogar. Gonçalves et al. (2015) expõem que no Brasil os atletas da categoria sub-20 treinam em media 2.300 horas e participam de, aproximadamente, 260 jogos oficiais, fatos que podem prejudicar a formação social e escolar do atleta. Por outro lado, o estudo mostra que em Portugal, até os 13 anos, as crianças não participam de jogos oficiais. Assim, neste país adotam-se os festivais em campo reduzido com 7 jogadores na linha, estimulando os atletas a terem mais contato com a bola, tomarem decisões em espaços reduzidos, etc. Complementarmente a isso, Aquino et al. (2017) afirmam que em divisões inferiores é necessário adaptar os treinos e competições, de forma atempada e contextualizada, buscando a formação do atleta a longo prazo.

Para a realização da criação de uma filosofia nacional de como jogar precisamos primeiramente identificar com qual filosofia estamos formando nossos atletas, pois isso refletirá diretamente na forma de jogar. Segundo Damo (2014) atualmente no cenário futebolístico existem três filosofias de formação, a Endógena que tem como filosofia formar atletas para que sejam utilizados pelo clube futuramente, ou seja, orienta-se para formar atletas que podem suprir as demandas do clube; a Exógena que tem como filosofia formar atletas com o objetivo primário de serem vendidos no mercado futebolístico. Nessa filosofia se investem em jogadores que serão rentáveis, pois o interesse econômico vem em primeiro lugar; e a Híbrida que tem como filosofia trabalhar de acordo com a conveniência, ou seja, é investido nas categorias de base para se formar jogadores que serão utilizados na equipe principal, mas se surgir uma oportunidade boa de venda o atleta é vendido sem ressentimentos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as respostas dos treinadores entrevistados de forma geral e comparando com estudos recentes na literatura nacional e internacional detectamos que em alguns aspectos importantes do processo formativo os treinadores estão andando na contramão da literatura. Adentrando aos elementos principais do processo formativo foi possível identificar que os treinadores da pesquisa acreditam na necessidade do aprendizado técnico e subsequente aprendizado tático. Além disso, percebemos que alguns treinadores acreditam na especialização a partir dos 10 anos de idade, fato que pode acarretar problemas na formação do jogador de futebol.

Por outro lado, em concordância com a literatura, identificamos que os treinadores consideram a inteligência tática importante para a ascensão do atleta no esporte, bem como a capacidade de tomar decisão contextualizadas. Este fato mostra-se coerente aos relatos acerca do processo de identificação e seleção de talentos, uma vez que os treinadores consideram como fulcral a capacidade tática (saber tomar boas decisão em relação ao contexto), qualidade técnica, personalidade (aspectos psicológicos) e a capacidade física do atleta. Além disso, identificamos que a competição, no processo formativo, é fundamental para incentivar o aprendizado dos atletas, auxiliar no desenvolvimento psicológico (autoestima, confiança e autonomia), permitir visibilidade ao atleta, fornecer um feedback para o treinador sobre o desenvolvimento dos atletas e para formar o cidadão.

Ao considerar o papel do clube e da CBF na formação dos atletas, os relatos mostraram que o clube tem um papel fulcral no processo de formação, pois é responsável pela formação integral do atleta (formação clubística e a formação escolar). Contudo, a CBF precisa dar mais suporte à formação dos atletas de base, uma vez que os treinadores se mostram insatisfeitos com os modelos competitivos adotados atualmente, bem como concordaram que seria importante uma orientação do modelo de jogo pretendido nas Seleções Brasileiras de Base para facilitar a formação no intuito de uma futura convocação dos atletas para a Seleção de Base.

Assim, é possível concluir que a formação de jogadores de futebol é multifatorial e que os modelos atuais precisam evoluir. Além disso, é necessário um

suporte acerca dos modelos de ensino e de jogo das entidades reguladoras do futebol brasileiro, na busca da excelência no processo de formação de jogadores de futebol. Por fim, o futebol deve ser pensado para além das linhas do campo e como um processo de formação humana.

A presente pesquisa tem como limitações a restrição a alguns clubes do estado de Goiás, bem como a aglutinação de clubes participantes da série A e B, não permitindo a distinção da filosofia de acordo com o nível competitivo. Como pesquisas futuras, sugere-se estudos comparativos entre as séries A e B do Campeonato Brasileiro de Futebol, no intuito de identificar como o processo de formação é conduzido, segundo a estratificação dos clubes.

REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, A.; COLLINS, D. Examining and extending research in coach development. **Quest**, v. 50, p. 59-79, 1998.
- AFONSO, J.; MESQUITA, I. Skill-based differences in visual search behaviours and verbal reports in a representative film-based task in volleyball. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v.13, p.669-677, 2013.
- AFONSO, J; MESQUITA, I; MARCELINO, R. Estudo de variáveis especificadoras da tomada de decisão, na organização do ataque, em voleibol feminino. **Rev Port Cien Desp**, v.8 n.1, Porto, p. 137–147, 2008.
- AMÉRICO, H. CARDOSO, F; MACHADO, G; ANDRADE, M; RESENDE, E; COSTA, I. Análise do comportamento tático dos jogadores de futebol de categoria de base. **J. Phys. Educ.** v. 27, 2016.
- AQUINO, R; VIEIRA, L; CARLING, C; MARTINS, G; ALVES, I; PUGGINA, E. Effects of competitive standard, team formation and playing position on match running performance of Brazilian professional soccer players, **International Journal of Performance Analysis in Sport**, 2017.
- ARAÚJO, J. **Manual do treinador do desporto profissional**. Campo das Letras, Porto, 1995.
- ARENA, S; BÖHME, M. Programas de iniciação e especialização esportiva na grande São Paulo. **rev. paul. educ. fís.** São Paulo, 14(2):184-95, jul./dez. 2000.
- ARENA, S; BOHE, M. Federações esportivas e organização de competição para jovens. **Revista Brasileira Ciências e Movimento**, 2004.
- BAKER, J., COBLEY, S. & FRASER-THOMAS, J. What do we know about early sport specialization? Not much! **High Ability Studies**, 20 (1), 2009.
- BAKER, J; COTÊ, J; ALBERNETHY, B. Sport-Specific Practice and the Development of Expert Decision-Making in Team Ball Sports. **Journal of Applied Sport Psychology**, 15: 12-25, 2003.
- BAKER, J. Early Specialization in Youth Sport: a requirement for adult expertise? **High Ability Studies**, Vol. 14, No. 1, June 2003.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.
- BATISTA, P. M.; GRAÇA, A.; MATOS, Z. Termos e características associadas à competência. Estudo comparativo de profissionais do desporto que exercem a sua actividade profissional em diferentes contextos de prática desportiva. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.8, n.3, p.377-395, 2008.

BECKER, A. It's Not What They Do, It's How They Do It: athlete experiences of great coaching. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.4, n.1, p.93–119, 2009.

BIAN, W. **Examination of expert and novice volleyball coaches' diagnostic ability**. Tese de doutorado. University of Georgia, Athens, 2003.

BOMPA, T. Total training for young champions: proven conditioning program for athletes ages 6 to 18. **Human Kinetics**, 2000.

BOWES, I; JONES, R. Working at the edge of chaos: understanding coaching as a complex, interpersonal system. **The Sport Psychologist**, v.20, p.235-245, 2006.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

BUCKHAM, S. **An Exploratory Examination of Coach-Athlete Interactions in Adolescent Team Sport**. Tese de doutorado Queen's University, 2013.

BURDEN, P. Teacher development. In: W. R. Houston Edition. **Handbook of research on teacher education**. N.Y.: Macmillian, p.311-327, 1990.

CALLENDER, S. The Early Specialization of Youth in Sports. **Athletic Training & Sports Health Care**; Thorofare Vol. 2, Iss. 6, Nov, 2010.

CAMPESTRINI, G. **A responsabilidade social na formação de praticantes para o futebol: análise do processo de formação em clubes brasileiros**. Dissertação de mestrado, Universidade Técnica de Lisboa, 2009.

CAPRANICA, L., TESSITORE, A., GUIDETTI, L; FIGURA, F. Heart rate and match analysis in pre-pubescent soccer players. **Journal of Sports Sciences**, p. 379-384, 2001.

CASARIN, R; CELLA, M. **Análise das sessões de treinamento de futebol entre categorias de base e escolinhas**. Trabalho de conclusão de curso, Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2008.

CAVICHIOILLI, F; CHELUCHINHAK, A; CAPRARO, A; JUNIOR, W; MEZZADRI, F; O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica, São Paulo, 2011, **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**.

COAKLEY, J. Positive youth development through sport: Myths, beliefs, and realities. In N. Holt (Ed.), Positive youth development through sport (2nd ed.) (pp. 21-33). London: **Routledge**, 2016.

COSTA, I; GARGANTA, J; GRECO, P; MESQUITA, I; AFONSO, J. Assessment of tactical principles in youth soccer players of different age groups. **Rev Port Cien Desp**, p.147–157, 2010.

CÔTÉ J. The influence of the family in the development of talent in sport. **Sport Psychol.** 1999;

CÔTÉ, J., BAKER, J. & ABERNETHY, B.. Practice and play in the development of sport expertise. In: Tenenbaum, G. & Eklund, R. C. (Eds) **Handbook of sport psychology**. New Jersey, 2007.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **International Journal of Sports Science and Coaching**, v.4, n.3, p.307–323, 2009.

CÔTÉ, J; LIDOR, R; HOCKFORT, D. To sample or to specialize? Seven postulates about youth sport activities that lead to continued participation and elite performance. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, London, v. 7, n. 1, p. 7-17, 2009.

CHRISTENSEN, M. An eye for talent: Talent identification and the practical sense of top-level soccer coaches. **Sociology of Sport Journal**, 26, p. 365-382, 2009.

CUSHION, C. J., ARMOUR, K. M., & JONES, R. L, Locating the coaching process in practice: Models 'for' and 'of' coaching. **Physical Education and Sport Pedagogy**, 2006.

CUSHION, C. Modelling the complexities of the coaching process. **International Journal of Sports Science & Coaching**, 2, 395-40, 2007.

DAMO, A. **Do dom à profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese de Doutorado. Rio Grande do Sul, 2005.

Damo, A. The Training of Football Players in Brazil. **Journal Soccer & Society**, Volume 15, Issue 1, 2014.

DAVIDS, K; ARAÚJO, D; CORREIA, V; VILAR, L. How small-sided and conditioned games enhance acquisition of movement and decision-making skills. **Exerc. Sport Sci. Rev.**, Vol. 41, No. 3, p. 154-161, 2013.

DIEFFENBACH, K.; GOULD, D.; MOFFETT, A. The coach's role in developing champions. **Olympic Coach**, v.12, n.2, p.2–4, 1999.

ERICSSON K, KRAMPE, R, TESCH-ROMER C. The role of deliberate practice in the acquisition of expert performance. **Psychological Review**, Vol. 100. No. 3, p.363-406. 1993. Disponível em:
[https://graphics8.nytimes.com/images/blogs/freakonomics/pdf/DeliberatePractice\(PsychologicalReview\).pdf](https://graphics8.nytimes.com/images/blogs/freakonomics/pdf/DeliberatePractice(PsychologicalReview).pdf)

FONSECA, A. O abandono das práticas desportivas: Aspectos psicológicos. In: GAYA, A.; MARQUES, A. T.; TANI, G. **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, p. 265- 288, 2004.

FORD, P. R., WARD, P, HODGES N. J. & WILLIAMS, M. The role of deliberate practice and play in career progression in sport: the Early engagement hypothesis. **High Ability Studies**. 20 (1), p. 65-75, 2009.

FORD, P; YATES, I; WILLIAMS, M. An analysis of practice activities and instructional behaviours used by youth soccer coaches during practice: Exploring the link between science and application; **Research Institute for Sports and Exercise Sciences**, 2010.

GALATTI, L; SCAGLIA, A; BETTEGA, O; PAES, R. Coaches' perceptions of youth players' development in a professional soccer club in Brazil: Paradox between the game and those who play, **Sports Coaching Review**, Campinas, Brasil, 2016.

GALATTI, R; REVERDITO, R; SCAGLIA, A; PAES, R; SEOANE, A. Pedagogia do Esporte: tensão na ciência e o ensino dos Jogos Esportivos Coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 25, n. 1, p. 153-162, 2014.

GARGANTA, J. (Ed.). **Horizontes e órbitas no treino dos jogos desportivos**. Lisboa: Universidade do Porto, 2000.

GARGANTA, J. **Modelação táctica do jogo de futebol- estudo da organização ofensiva em equipas de alto rendimento**. Dissertação de doutorado. FCDEF- UP, 1997.

GARGANTA, J E PINTO, J. O ensino do futebol. In. GRAÇA. A e OLIVEIRA, J. **O ensino dos jogos desportivos colectivos**. ed.3, 95- 135. 1998.

GARGANTA, J E PINTO, J. **O ensino do futebol**. In O ensino dos jogos desportivos. Centro de estudos dos jogos desportivos, 97-137, FCDEF-UP, 1994.

GALLAHUE, D. Conceitos para maximizar o desenvolvimento da habilidade de movimento especializado. **R. da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 16, n. 2, p. 197-202, 2005.

GALLAHUE, D; OZMUN, J. **Compreendendo desenvolvimento de motor: crianças, crianças, adolescentes, adultos**. Madison, WCB Brown & Benchmark, 1998.

GALLAHUE, D; OZMUN, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 3. ed. São Paulo: Phorte Editora, 2002.

GERHARDT, T; SILVEIRA, D (org.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, p. 65-88, 2009.

GIL, S; LILI, J; LETONA, I; ADUNA, B; LEKUE, J; CONCEJERO, J; GRANADOS, C: Talent identification and selection process of outfield players and goalkeepers in a professional soccer club, **Journal of Sports Sciences**, 2014.

GOMES, A. R. Transformational leadership: Theory, research, and application to sports, New York, In C. Mohiyeddini (Ed.), **Contemporary topics and trends in the psychology of sports** (pp. 53-114), 2014.

GONÇALVES C, CAPRARO A, CAREGNATO A, SILVA C, CAVICHIOILLI F. Analysis of the Formation Process of Young Football Athletes in Differentiated Situations, **Journal of Exercise Physiology**, 2015.

GRECO, P; BENDA, R. **Iniciação Esportiva Universal - Da aprendizagem motora ao treinamento técnico**. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

GRECO, P. Conhecimento tático-técnico: modelo pendular do comportamento e da ação nos esportes coletivos. **Rev. Bras. Psicol. Esporte Exercício**, p. 107-129, 2006.

GRÉHAIGNE, J GUILLON, R. L´utilisation des jeux d´opposition a l´école. **Revue de l´education Physique**, p. 51-67, 1992.

HIROSE, N; SEKI, T. Two-year changes in anthropometric and motor ability values as talent identification indexes in youth soccer players. **Journal of Science and Medicine in Sport**, v.19, p. 158-162, 2016.

JONES, R.; STANDAGE, M. First among equals: shared leadership in the coaching context. In: JONES, R. (Org.). The sports coach as an educator: re-conceptualizing sports coaching. Oxon: **Routledge**, 2006.

JONES, R.; WALLACE, M. The coach as “orchestrator”: more realistically managing the coaching context. In: JONES, R. (Org.). The sports coach as an educator: re-conceptualizing sports coaching. Oxon: **Routledge**, 2006.

KATIS A, KELLIS E. Effects of small-sided games on physical conditioning and performance in youth soccer players. **J Sport Sci Med**, 2009.

KNOWLES, Z.; BORRIE, A.; TELFER, H. Towards the reflective sports coach: issues of context, education and application. **Ergonomics**, v. 48, n.11-14, p. 1711- 1720, 2005.

LAGO-PEÑAS, C; REY, E; CASÁIS, L; LÓPEZ, G. Relationship Between Performance Characteristics and the Selection Process in Youth Soccer Players. **Journal of Human Kinetics**, v.40, p.189-199, 2014.

LOPES V.; MAIA J. Períodos críticos ou sensíveis: revisitar um tema polêmico à luz da investigação empírica. **Rev Paul Educ Fís**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 128-40, 2000.

MAHLO, F. O acto táctico. **Edicoes Compendium**, Lisboa. p. 254, 1980. Disponível em: <https://mignas70.files.wordpress.com/2011/11/o-acto-tc3a1tico-no-jogo.pdf>

MALINA, R. Early sport specialization: roots, effectiveness, risks. **Curr. Sports Med. Rep.**, Vol. 9, No. 6, p. 364-371, 2010.

MARQUES, A. T. Fazer da Competição dos mais Jovens um Modelo de Formação e Educação. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Org.) **Desporto para Crianças e Jovens**. Razões e Finalidades. Porto Alegre, Editora da UFRGS, p. 75-96, 2004.

MARQUES, R; FRANCISCO, R; ALMEIDA, B; GUTIERREZ, M; LUIS, G; Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, vol. 13, núm. 3, septiembre-diciembre, Escola de Educação Física Rio Grande do Sul, Brasil. P. 225- 242, 2007.

MARTENS, R. **Coaches guide to sport psychology**: A publication for the American Coaching Effectiveness Program: Level 2 sport science curriculum. Champaign, IL: Human Kinetics Books, 1987.

MATTHEWS, N., FLEMING, S., & JONES, R. L, Sociology for coaches, 2013 In R. L. Jones & K. Kingston (Eds.), **An introduction to sports coaching: Connecting theory to practice** (2nd ed.).

MELO, L; SOARES, A; ROCHA, H. Perfil educacional de atletas em formação no futebol no estado do Rio de Janeiro, **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo; 2014.

MENDES, J; TRAVASSOS, B. Etapas de formação para a especialização do jogador de futsal. **Revista de Ciência del Desporte**, v.11, 2015

MILISTETD, M; MESQUITA, I; NASCIMENTO, J; SOBRINHO, A. **Concepções dos treinadores acerca do papel da competição na formação deportiva de jovens jogadores de voleibol**; Dissertação de Mestrado, Maringá, 2008. Disponível em: <http://eduem.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/3324>

MINAYO, M. **O desafio do conhecimento**. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. Lei nº. 12.395. **Normas gerais sobre desporto**, Diário Oficial da União, 2011.

MUCCHIELLI, R. **Les Méthodes Qualitatives**. Presses Universitaires de France, Paris, 1991.

MORAES, I. **Formação de Jogadores de Futebol no Brasil: Da implementação às perspectivas futuras do certificado de clube formador**. Tese de Mestrado. Universidade do Porto, 2015.

MORREIRA, V; MATIAS, C; GRECO, P. A influência dos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento no conhecimento tático processual no futsal. **Motriz**, Rio Claro, v.19 n.1, p.84-98, jan./mar. 2013.

MYER, G; JAYANTHI, N; DIFIORI, J; FAIGENBAUM, A; KIEFER, A; LOGERSTEDT, D; MICHELI, L. Sport Specialization, Part I: Does Early Sports Specialization Increase Negative Outcomes and Reduce the Opportunity for Success in Young Athletes? **Sports Health**, Vol. 7, 2015.

NASH, C.; COLLINS, D. Tactic knowledge in expert coaching; science or art? National Association Kinesiology and Physical Education in higher education, **Quest**, v.58, p.465-477, 2006.

NETO, J. **Jogos coletivos na educação física escolar**. Hortolândia, FAEF-UNASP, 2008.

PAES, R. A pedagogia da iniciação esportiva: um estudo sobre o ensino dos jogos desportivos coletivos. **Revista Digital**, Buenos Aires – Año 10 – N° 71 – Abril de 2004.

PAOLI, P; Tendência atual da detecção, seleção e formação de talentos no futebol brasileiro, Current tendency of the detection, selection and development of talents in the Brazilian soccer, **Rev. Bras. Futebol**, 2008.

PAOLI, P. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. (Tese de Doutorado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, 2007.

PAOLI, P. **Como treinar uma equipe de futebol**. Vídeo curso. BD Empreendimentos – Canal Quatro - Universidade Federal de Viçosa, 2005.

PENNEY, D. Coaching as teaching: New acknowledgements in practice, Ney York, In R. L. Jones (Ed.), **The sports coach as educator. Re- conceptualizing sports coaching**, Routledge, 2006.

QUEIROZ, C. Para uma teoria do ensino/treino do futebol. **Ludens**. v.8, n.1, p. 25-44, 1983

REIS, C; MORAES, L; FERREIRA, M; NOCE, F; COSTA, V. Recursos humanos, financeiros e materiais de atletas de basquetebol nas categorias de base e a percepção dos treinadores sobre a formação dos atletas. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, 2014, Disponível em: file:///C:/Users/ASUS/Downloads/86666-122386-1-PB.pdf

REILLY, T. An ergonomics model of soccer training process. **Jornal Sport Science**, 2005.

REVERDITO, R; SCAGLIA, A; PAES, R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.3, p.600-610, 2009.

RODRIGUES, F. **A formação do jogador de futebol no Sport Clube Internacional: (1997- 2002)**. Dissertação de Mestrado; Rio Grande do Sul; 2003.

RODIGUES, A; **Como ser um treinador de excelência**. Chiado Editora, p. 166, 2014.

ROSA, M; ARNOLDI, M. **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

ROSADO, A, MESQUITA, I. A formação para ser treinador. In **Actas do Orimeiro Congresso Internacional de Jogos Desportivos-Olhares e contexto da performance: da Iniciação ao Rendimento**, 2007.

SAETHER, S. Identification of Talent in Soccer, What Do Coaches Look For? Norwegian University of Science and Technology, **IdrotssForum.Org**, 2014.

SANTOS, X. **Futebol, jovens atletas e educação: uma imersão nos clubes de Recife**. XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais Diversidades e (Des) Igualdades. Salvador/BA – UFBA, 2011.

SAURY, J; DURAND, M. Pratical Knowledge in expert coaches: One- site of coaching in sailing. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, p. 254-266, 1998.

SCAGLIA, A. **O futebol que se aprende e se ensina**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SCAGLIA, A. Escolinha de futebol: uma questão pedagógica. **Motriz**, v.2, n.1,1996.

SCAGLIA, A; REVERDITO, R; LEONARDO, L; LIZANA, C . O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 4, p. 227-249, 2013.

SCHEMPP, P.; MCCULLICK, B. Coaches expertise. In LYLE, J E CUCHION, C, **Sports Coaching: Professionalisation and Practice**, p. 221-232, London, 2011.

SCHEMPP, P.; MCCULLICK, B.; GRANT, M. Teaching coaching expertise: how to educate for coaching excellence. In: Current Issues and Controversies in School and Community Health, **Sport and Physical Education**, cap. 21, p. 251–263, 2012.

SCHEMPP, P.; WEBSTER, C.; MCCULLICK, B.; BUSCH, C.; MASON, I. How the best get better: an analysis of the self-monitoring strategies used by expert golf instructors. **Sport, Education and Society**, v.12, n.2, p.175–192, 2007.

SIEDENTOP, D, ELDER, E. Expertise, experience, and effectiveness. **Journal of Teaching in Physical Education**, p. 254–260, 1989.

SOUZA, C; VAZ, A; BARTHOLO, T. Difícil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros; **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 85-111, jul./dez. 2008.

SZEREMETA, T; CONDE, R; FIGUEIREDO, A; GONÇALVES, C; CAVICHIOILLI, F. A formação de jovens futebolistas além das quatro linhas: uma análise sob a ótica dos técnicos de Brasil e Portugal, **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 1, jan./mar. 2017.

TAVARES, F. Bases teóricas da componente táctica nos jogos desportivos colectivos. In: OLIVEIRA, J; TAVARES, F. **Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos**. Editora da Universidade do Porto, Porto, 1996.

VILHENA, M. **Processo de ensino aprendizagem-treinamento no futsal: influência no conhecimento tático-processual**. (Mestrado em Educação Física: Treinamento Esportivo) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2007.

WEINECK J. **Treinamento ideal**. São Paulo, Manole, 1989.

WIERSMA, L. Reformation or reclassification? A proposal of a rating system for youth sport programs. **Quest**, Champaign, v. 57, p. 376-391, 2005.

WESTERA, W. Competences in education: a confusion of tongues. **J. curriculum studies**, v.33, n1, p.75–88, 2001.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas:

Nome: Treinador 1

Idade: 41

Tempo na instituição de trabalho: 8 anos

Tempo de experiência como treinador: 5 anos

Formação (cursos superiores, pós graduações, cursos CBF e etc): Graduado em Educação Física Licenciatura Plena, Pós Graduação em Fisiologia e Cinesiologia do Exercício pela Universidade Veiga de Almeida (UVA) , Pós Graduação em Futebol pela Faculdade Federal de Viçosa, Curso de treinador pelo sindicato dos treinadores de São Paulo e o Curso de treinador da CBF nível B.

Instituição de formação: Faculdade Universo

Ano que concluiu a formação: 2009

Experiências como atleta: Sim X Não

Se sim, quais? Jogou Profissionalmente por 10 anos. Iniciou a carreira nas categorias de base do Goiânia Esporte Clube, depois rodou o Brasil em times de menor expressão (Itumbiara, Tocantinense, etc.)

Em qual(is) categoria(as) você atua como treinador? Atualmente somente no Sub-17, mas já atuou como treinador nas categorias Sub- 16, Sub- 18 e Sub- 20.

Questionário

P: Na sua opinião, um atleta de futebol pode ser formado para o alto rendimento?

R: Com certeza, principalmente quanto mais cedo esse garoto que tem a pretensão de ser um atleta profissional chegar ao clube melhor. Tem clubes que tem a metodologia de formação e com isso nas fases sensíveis de formação desse garoto damos os estímulos adequados para eles e com certeza ele tendo uma sequencia Sub- 10, Sub- 12 e assim seguindo a carreira a probabilidade dele virar um jogador profissional é muito grande. Acredito que a fase da escolinha é importantíssima para formar um atleta completo porque é nessa etapa que trabalha as fases sensíveis da criança, por exemplo, com 9 anos que é a fase de melhor absorção do trabalho de

coordenação motora e se um atleta nunca passar por uma escolinha como que ele aprendera essa etapa? O atleta que não passou por uma escolinha pode até chegar ao alto nível, mas esse atleta será um atleta deficiente em alguma valência física ou em algum aspecto técnico porque ele não teve uma escolinha lá em baixo para dar a base para sua formação.

P: Embasado na sua experiência, como deve ocorrer o processo de formação de um jovem atleta de futebol?

R: Tem todo um processo, vou falar pela nossa realidade aqui no clube. A gente tem uma metodologia científica de formação de atleta, então já tem aquilo que é estipulado para ser trabalhado em cada categoria. Vou pegar, por exemplo, a coordenação motora ela precisa ser trabalhada nas categorias Sub-9, Sub-10. Se o garoto chega aqui no Sub-15 e não vivenciou esse estímulo lá provavelmente ele vai chegar o sub-15 com deficiência nesse quesito e um atleta com deficiência de coordenação motora pra chegar no sub-15 e inserir isso ele absorve, mas não tão bem o quanto se ele tivesse recebido esse estímulo na idade apropriada. O processo para se formar para o alto rendimento se inicia desde a iniciação esportiva, eu vou até mais além já fui preparador físico também e pra mim começaria na educação física escolar. Na minha época de estudante certas capacidades físicas a gente desenvolvia na educação física escolar pulava, saltava, rolava, agachava. Hoje parece que se trabalha menos isso nas escolas, aí cabe para as escolinhas de iniciação esportiva trabalhar isso. Na iniciação esportiva se trabalha coordenação, correção de movimentos, flexibilidade e muitas das vezes a escolinha não consegue atender, pois o pai vai matricular e quer que seu filho só jogue bola e tem muitas coisas que precisam ser trabalhadas na idade sensível dos 8 aos 10 anos, que só cabe ser feito naquela idade. Então esse processo formativo tem que ser pensado desde a iniciação até chegar ao profissional para que tenhamos atletas mais completos futuramente. Algo que eu acho completamente errado no futebol Brasileiro é que o atleta precisa estar praticamente pronto na categoria sub-19, porque ele vai entrar em um processo de transição, eu costumo dizer nas nossas reuniões aqui do clube é que o Brasil não é mais o país do futebol e sim o país do talento do futebol, deixou de ser por muitas razões, por exemplo, a transição do atleta da base para o

profissional. Na minha opinião o processo de formação de um atleta termina com 23 anos, então por isso que talvez hoje algumas equipes aí mantem o sub-23 para terminar de lapidar esses atletas e terminar o processo maturacional desses atletas porque alguns tem maturação tardia e outros precoce e eu penso que no sub-19 ainda tem muita coisa pra agregar a esse atleta até os 23 anos e ele parando no sub-19 ele vai ter que receber essa complementação no profissional e no profissional não se tem tempo para trabalhar o atleta, no profissional é resultado o cara tem que chegar lá e da conta de jogar se não conseguir jogar normalmente ele não fica. Então eu acho muito falho esse processo deveria se instituir no Brasil o sub-23. A discussão que gira em torno disso é que esse sub-23 vai pertencer a base ou o profissional? E isso gera muita discussão, pois para se manter uma equipe profissional já é difícil imagina manter duas, a que joga o Campeonato Brasileiro e o sub-23, então essa discussão gira muito entorno do financeiro. Mas pelos conhecimentos que eu tenho o ideal seria ter a categoria sub-23 para complementar o processo formativo desse atleta.

P: Em quais idades devem ser iniciadas o processo de formação esportiva orientado para o futebol, tendo em vista um futuro no alto rendimento?

R: Esse processo esta cada vez mais precoce a gente já vê equipes de sub-15 entrando bem dentro da especificidade pro alto rendimento, mas eu penso por questão maturacional o garoto do sub-15 ele ainda não fechou sua maturação a linha epifisária ainda esta aberta, então eu acho que ali é complicado de você iniciar o processo de especialização da modalidade nessa categoria do sub-15. Eu penso que até o sub-15 ainda da pra segurar um pouco, o foco não precisa ser o alto rendimento ainda, já no sub-17 já se entra na especialização mesmo. Hoje é comum se ver jogadores de 17 anos jogando campeonatos profissionais, o Vinicius Junior do Flamengo vem até quebrando esse paradigma ele joga campeonatos profissionais com 16 anos esse é o exemplo claro de que a especialização precoce esta cada vez mais presente. Mas eu penso que a parte de especialização até pelo o que a literatura nos relata seria isso dai do sub-17 pra frente.

P: Como deve-se dividir esse processo de formação desde a infância até a fase adulta e quais as principais características em cada uma das fases desta formação?

R: Cada idade tem a sua especificidade, como eu já havia falado antes a iniciação esportiva é essencial pra dar a base motora, experiência com competições, flexibilidade, etc. Eu penso que as categorias de base deveriam começar no sub-14 e ir andando de ano em ano, então teríamos o sub-14, sub-15, sub-16, sub-17, sub-18, sub-19 e sub-23. Alguns clubes do futebol Brasileiro já tratam dessa forma, por exemplo, fomos disputar uma copa em minas o time do Cruzeiro entrou com duas equipes um sub-17 e outra sub-16 enquanto nos estávamos lá com meninos de 16 e 17 anos misturados na mesma equipe. Penso que as categorias de base tinham que ser anual, mas isso não é a realidade do Brasil a própria instituição que é a CBF coloca que tem que ser o sub-15, sub-17 e sub-19, mas penso que o ideal seria ano a ano. Esse processo tem as fases sensíveis para trabalhar determinadas valências em cada idade. Penso que a parte tática tem que ser acentuada no sub-17 pra frente, não que lá no sub-15 não deve ser trabalhado, mas ele deve ser iniciado bem mais tranquilo a preocupação do sub-15 seria mais física não de sobrecarga, mas algumas partes de coordenação, de prevenção de lesão e vivenciar muito a parte técnica. Essa parte técnica o melhor momento do atleta receber essa questão técnica pra absorver aquilo e não perder eu penso que seja do sub-16 pra baixo. Então enquanto eles estiverem com 13, 14 anos quanto mais ele poder vivenciar a parte técnica, ou seja, fundamentos básicos do futebol como cabeceio, passe, domínio melhor será para o seu desenvolvimento. Penso que nessa categoria do sub-16 pra baixo seria ideal pra ele vivenciar essa parte técnica. Ai no sub-17 já iniciar mais profundamente a parte tática e no sub-19 ai já a questão tática já vem em primeiro lugar, pois o atleta esta próximo do profissional e qualquer hora o treinador pede para algum atleta compor elenco no profissional, então essa parte tática já fica mais pesada no sub-19. Penso que seria dessa maneira parte tática no sub-15 uma iniciação, no sub-17 já da uma apertada a mais e no sub-19 é essencial. Já a parte física a sobrecarga de exercícios deve começar do sub-17 pra frente que é aonde entra a maturação, consegue-se entrar com um trabalho de força mais especializado e por ai vai. Uma realidade enfrentada no dia a dia nosso de formação de atleta é a maturação porque alguns maturam antes e outros mais

tarde. Eu penso se chega um atleta pra mim no sub-17 maturado e um que não é maturado prefiro ficar com o que não é maturado, porque se ele não estiver maturado ele ainda tem possibilidade de absorver os estímulos que são dados agora o atleta que já maturou ele já fechou o ciclo dele. Esse atleta dificilmente vai conseguir absorver os estímulos que serão passados a ele, vai sim absorver alguma coisa, mas a probabilidade do não maturado passar ele é muito maior. Já tivemos experiência aqui no clube de atletas que chegaram no sub-15 maturados e comparando com os outros ele parecia um adulto jogando com crianças, mas com o passar do tempo o que era criança maturou e passou ele e como não estava rendendo mais foi mandando embora. A categoria de base é pra formar atleta independente de resultados só que quando você joga por resultado o atleta maturado já compensa mais porque o cara é mais forte, mais explosivo e isso é melhor pra quem quer resultados, mas quando você pensa em formação de atleta o não maturado tem mais chances de ser bem sucedido futuramente, pois absorverá melhor os estímulos. Penso então que a maturação precoce de início pode ser aparentemente algo bom, mais vai gerar mais malefícios do que benefícios para esse garoto se ele não continuar a ser estimulado para continuar evoluindo.

P: A compreensão tática é essencial para um jogador ter sucesso no futebol? E como deverá variar a solicitação tática ao longo de cada etapa da preparação esportiva?

R: Com certeza, hoje o sonho de todo treinador é ter um atleta inteligente. Hoje cada vez mais o futebol passou a ser mais tático, eu venho de uma geração que batia muito no aspecto físico se eu fosse reproduzir hoje o que eu vivi como atleta talvez eu não estaria nem aqui dentro do clube hoje porque na minha carreira eu praticamente só fiz trabalhos físicos. Hoje é diferente, trabalhamos com jogos reduzidos a gente do principio sabe que o atleta tem que desenvolver os aspectos físicos, mas ele tem que desenvolver o aspecto intelectual dele de tomada de decisão e nesses jogos reduzidos a gente desenvolve muito esse trabalho com o objetivo de formar. O povo pensa naquela inteligência cultural essa é sempre bem vinda, mas a inteligência trabalhada é a inteligência pro ofício do futebol no jogo esse atleta consegue fazer a leitura do jogo muito rápido, enxerga momentos

oportunos na frente dos outros, então é importante saber separar isso. Eu penso que hoje é melhor abrir mão do “brocutu” que é o atleta da força e se ter um atleta inteligente o cara que consegue fazer a leitura, que consegue fazer uma quebra de linha, que consegue trabalhar em espaços reduzidos e saber tomar decisões certas para sair de situações problemas. Esse tipo de atleta taticamente inteligente quando conseguimos encontrar ele pode se ter certeza que será o destaque da equipe. E a questão da variação da questão tática durante o processo como já havia falado anteriormente eu penso que deve ser introduzido no sub-15 de maneira mais simplificada, como guardar posição, já no sub-17 é essencial, pois começa a ser trabalhado estratégias táticas pra cada jogo e no sub-19 o atleta tem que estar completamente ciente do que fazer taticamente em quase todas as situações de jogo.

P: Existe algum jogador em determinada situação que deveria receber uma carga de treino maior do que os outros? Se sim, especifique em quais situações e explique?

R: Sempre tem né, vivemos em um país capitalista e agente mexe com formação de atleta, mas a intenção dos clubes é formar para o time profissional e depois negociar esse atleta para gerar lucro para o clube. Temos o mercado Europeu que busca jogadores técnicos e inteligentes, mas também busca atletas fortes que aguentam o ritmo do futebol Europeu então é necessária uma grande atenção nesse aspecto também. Então existem aqueles atletas que tem uma capacidade técnica muito boa, mas são fracos fisicamente. Nesses casos a gente dentro de estudos realizados pela fisiologia a gente consegue melhorar as condições físicas desses meninos dando-lhe uma condição atlética muito melhor para desenvolver o seu futebol com mais qualidade sempre com equilíbrio, pois não queremos que essa massa muscular adquirida atrapalhe o seu rendimento técnico e tático. Hoje é bem tranquilo porque a ciência entrou no futebol e principalmente nessa parte física tem bastantes estudos que nos capacita a fazer esse trabalho realizando sempre muitas avaliações para saber a quantidade de massa que esse atleta pode ganhar sem atrapalhar o que ele tem de melhor que é a técnica e de velocidade. Aqui no Goiás somos privilegiados porque além de ajudar os atletas fisicamente existe também essa carga de treino maior técnica para atletas que enxergamos potencial, mas é falho em alguma

valência, por exemplo, um centroavante que finaliza muito bem com a perna dominante, mas a sua perna contrária necessita de melhora colocamos esse atleta no nosso projeto chamado “Avançar” que tem como objetivo melhorar esse aspecto que vemos que está falho no atleta.

P: Quando, na etapa de formação, deve-se iniciar a especialização das posições dos jogadores e o momento da especialização é igual para todas as posições?

R: Essa discussão é bem complexa porque para mim o quanto mais posições o atleta poder jogar melhor. Vou te dar um exemplo bem específico, acabei de fazer a convocação para o jogo e convoquei um atleta lá que eu levando ele eu posso usar ele em três funções se eu não convoco ele eu teria que convocar três atletas diferentes. Então para mim o quanto mais posições o atleta conseguir desenvolver dentro de campo é melhor. Eu tento passar para os meus atletas que hoje em dia não existe posição e sim função. Eu falo para os atletas nos treinos e jogos que eles vão entrar e desempenhar certa função de acordo com as características deles. Um jogo posso usar um atleta como volante central aí na outra semana temos outro jogo que pede outra função e usando o mesmo atleta facilita muito, pois para mim os melhores tem que jogar independente de posição só que é necessário que sabem cumprir as funções que são passadas a eles. Tem atleta que consegue jogar em mais de uma posição o que é bom para o treinador, mas tem outros que não conseguem e vou ser sincero esses que só desempenham uma função a concorrência é muito maior, pois se aparece um cara que faz duas ou três funções razoavelmente bem eu prefiro ficar com esse que consegue desempenhar várias funções. Isso vem da modernização do futebol esse atleta especialista está perdendo cada vez mais espaço a única posição que ainda pede um especialista é o finalizador que de pouco em pouco está caindo por terra com a implantação do falso 9. Então essa especialização de posição penso que não deveria existir e teríamos sim que ensinar nossos atletas a cumprirem várias funções de acordo com as suas características dominantes.

P: Como você concebe a detecção e seleção de talentos dentro do processo de formação de jovens atletas no futebol?

R: Isso aí é o mais importante hoje né, hoje cada dia que passa a busca por talentos está ficando cada vez mais precoce já não se busca mais atletas de categorias sub-17 mais é procurado talentos desde as categorias sub-10, sub-12 pra poder trazer esses atletas novos e trabalharem eles para chegarem nas categorias de cima mais completos. Essa captação hoje é de fundamental importância cada clube ter seu laboratório de captação de talentos. Aqui no Goiás a gente tem e rodamos o Brasil atrás de talentos, eu já até participei desse projeto aqui no Goiás que se chama “Brasil Verde” aonde saímos Brasil a fora atrás de talentos para o Goiás. O interessante é cada região do Brasil temos características específicas de jogadores, por exemplo, se você quiser um atacante baixinho ligeiro o melhor lugar de se procurar é no Nordeste, se quiser um jogador de defesa mais forte e alto no Sul as chances são maiores de se conseguir achar. Então esse processo de captação é essencial para o clube, pois identificando o perfil de atleta que quer é só pedir para o laboratório iniciar essa busca.

P: Na sua concepção, qual a função da competição organizada na formação esportiva?

R: Primeiramente a gente tem que saber o que é formação e o que é competir, se tratando de categorias de base eu acho que a competição vem como complemento do processo de formação. Eu acho que não se deveria cobrar tanto o resultado como é cobrado hoje nas categorias de base especialmente no início dela que é no sub-15, pois eu acho que o resultado vira em detrimento do trabalho de formação bem feito, ser campeão nas categorias de base não é o divisor de águas que dirá se o atleta será um jogador profissional ou não. Mas eu acredito que o vencer e o perder que a competição traz faz parte do processo de formação porque essa experiência trará benefícios para os jogadores como, competitividade, jogar sobre pressão e formar atletas fortes para aguentar resultados positivos e negativos quando chegar nas categorias profissionais, só que não vejo ela como o principal elemento para a formação do atleta. Com a minha vivência no futebol percebo que quanto mais novos os meninos são mais intenso é essa cobrança. Comandei por um tempo a iniciação esportiva aqui do clube no C.T do Buriti Sereno e a cobrança lá

era muito maior do que na categoria de base. Porque nessa idade a cobrança dos pais é muito gritante é muita pressão em cima dos meninos achei aquilo um absurdo. Eu achava que quando eu estava no sub-20 a pressão por resultado era grande porque esses meninos estavam a um passo do profissional, mas quando fui coordenar esse C.T de iniciação esportiva percebi que a pressão por resultados lá era maior ainda porque além da cobrança do treinador de lá os pais colocavam uma pressão nesses meninos que não dava pra acreditar. Escutava dos pais e dos treinadores que se eles não fossem campeões não virariam jogadores profissionais, pois só vira profissional quem é campeão. Nessas categorias menores não deveria existir isso o menino deve sim jogar competições, mas para vivenciar o esporte e se divertir e se divertindo ele absorveria melhor os conteúdos do futebol. Com essa pressão precoce muitos até param no meio do caminho porque pensa o menino começa a jogar bola com 10 anos de idade e sofre essa pressão até chegar nas categorias de base quando chegar lá ele não vai querer isso mais pra ele e acaba abandonando o esporte o que é muito triste.

P: Qual o papel do clube no processo de formação do jogador de futebol?

R: O clube tem uma importância fundamental é quem abre as portas pra eles tentar realizar o sonho deles. Eu penso que a responsabilidade do clube é muito grande porque não envolve só o atleta, mas também toda sua família. Tem muitos que largam famílias para vim pra cá tentar realizar o sonho de vira um jogador profissional, vem pra dentro do clube e ficam meses e meses sem ver os familiares. Em contra partida quanto mais estrutura você tiver melhor é a absorção do garoto nesse aspecto, aqui vivemos uma realidade diferente porque o Goiás da todo suporte aqui dentro temos psicólogo, pedagogo, uma equipe multidisciplinar para realizar esse trabalho, mas eu vim de uma formação em clube menor que não tinha esse trabalho o que era muito ruim, pois toda hora passava pela cabeça se compensava e não tinha ninguém pra ajudar, então existe esse contraste de realidade. Eu penso que o clube é fundamental nesse processo de formação e quanto mais suporte ele puder dar para atleta para que ele consiga realizar o seu sonho que é ser um atleta profissional melhor.

P: Qual o papel da CBF no processo de formação do jogador de futebol?

R: No meu ponto de vista melhorou muito, eles estão tentando regularizar a profissão do treinador, a CBF passou a criar competições de categorias de base, por exemplo, o Goiás aqui vivencia jogar contra o Grêmio lá em Porto Alegre pela Copa do Brasil Sub-17 o que a 5 anos atrás não existia, as competições eram muito regionalizadas ai dessas competições ele caia pra jogar a Copa São Paulo contra times do Brasil inteiro. Então pouco a pouco a CBF vai melhorando as condições de nossos atletas jogarem campeonatos com mais visibilidade, como, Brasileirão de categorias de base e Copa do Brasil de categorias de base e essas competições já dá a oportunidade do atleta jogar contra grandes clubes como se já fossem profissionais. Eu acredito assim quando a gente for falar da CBF é um pouco complicado, mas depois do 7x1 contra a Alemanha eles estão tentando fazer alguma coisa estamos longe do ideal, mas o que importa é começamos a crescer nesse sentido.

Nome: Treinador 2

Idade: 27

Tempo na instituição de trabalho: 3 anos e 3 meses

Tempo de experiência como treinador: 5 anos

Formação (cursos superiores, pós graduações, cursos CBF e etc): Graduação em Educação Física (incompleta), Finalizando o curso CBF B.

Instituição de formação: Universidade Estácio de Sá

Ano que concluiu a formação: Não Concluiu

Experiências como atleta: Sim X Não

Se sim, quais? Jogou dos 10 aos 22 (Jogou como profissional), nos seguintes clubes: Goiás, Vila Nova, Atlético Goianiense, Brasilense, Anapolina.

Em qual(is) categoria(as) você atua como treinador? Somente Sub- 20

Questionário

P: Na sua opinião, um atleta de futebol pode ser formado para o alto rendimento?

R: Bom.... com certeza deve ser formado para o alto rendimento, é claro que é uma formação lenta, passo a passo. Hoje eu acredito muito em sequencia de trabalho, filosofia de trabalho. Hoje no futebol, nos temos varias visões, vários métodos e isso acaba atrapalhando muito a nossa formação na categoria de base, a passagem do menino pela escolinha é essencial para que o menino possa criar um espirito competitivo diferente, já saber lidar com os companheiros, já saber líder em uma situação em equipe em grupo. É..., e também sem falar dos fundamentos técnicos e cognitivos que começam na escolinha. Então seguindo uma sequência de escolinha e assim subindo e um trabalho bem periodizado de preferência com sequencia em um clube só seguindo uma filosofia acho que facilita na formação do atleta.

P: Embasado na sua experiência, como deve ocorrer o processo de formação de um jovem atleta de futebol?

R: Bom... o processo de categoria de base se inicia no sub- 15 com aspectos o tanto quanto técnico as vezes com o aspecto cognitivo sem muita exigência mental, sem muita exigência de nível de concentração, muito mais fundamento tentar potencializar o que o atleta pode ter de qualidade técnica, e que fisicamente o desenvolvimento acho que não é o essencial. A partir dai, no sub-17 fisicamente acho que os jogadores já tem que ter uma evolução grande nesse período do sub-17 pra sub- 20, nesta transição. No sub-17 o trabalho é mais tático iniciando um trabalho cognitivo um pouco melhor, o nível de exigência de concentração é um pouco maior, o trabalho competitivo um pouco maior. Hoje como nos temos antecipado muito mais os contratos profissionais, os jogadores no sub- 17 alguns deles, aqui no Vila por exemplo, 50% dos meninos já tem contratos profissionais, então... já começa a inserir um pouco mais do trabalho do sub- 20 no sub-17. A distancia do sub-15 pro sub- 17 ela é uma do sub-17 pro sub-20 na minha opinião ela já é menor. E no sub-20 o trabalho do profissional deve ser o mesmo, aí já é um trabalho de moldar, de uma questão tática, de pensar um pouco mais na questão de estratégia, acho que no sub-20 o jogador já tem que ter um trabalho de fundamento e físico já um tanto quanto bem feito pra gente começar a trabalhar um pouco mais o lado estratégico do jogo. No entanto eu acho que o jogador no sub-20 ainda não vai estar pronto, é claro que alguns jogadores vão maturar fisicamente mais cedo,

outros psicologicamente são mais fortes um pouco mais cedo, depende muito também do quanto o jogador joga na categoria de base, o jogo na categoria de base trás uma maturidade muito grande. Mas acredito que o trabalho de formação vai até os 23, 24 anos, acho que no sub-20 é aonde o jogador tem que estar preparado para que em uma situação ou outra trabalhar no profissional, trabalhar de uma maneira profissional, uma disciplina profissional, uma concentração profissional, mas não que ele esteja completamente pronto. Acho que nem 24 anos ele está pronto, até os 27 anos nós temos jogadores que estão evoluindo, que dependendo daquilo que estão vivendo, estão trabalhando o seu potencial e se potencializando de uma maneira diferente no futebol.

P: Em quais idades devem ser iniciadas o processo de formação esportiva orientado para o futebol, tendo em vista um futuro no alto rendimento?

R: Acho que para o alto rendimento teria que ser a partir dos 13, 14 anos. Eu acho que dos 8 aos 12 o menino deve vivenciar o futsal, mini jogos, jogos reduzidos. Éééé..... hoje nós sentimos muita falta porque os nossos jovens hoje eles não tem mais como antigamente, o golzinho, a pelada de rua, jogo de terrão e isso tem atrapalhado muito na formação dos nossos jovens, eu acho que os mini jogos ajudam com isso até os 12 anos e a partir dos 13 é aonde a gente já consegue a começar inserir o alto rendimento e trabalhar o jogador e preparar o jogador e muitas vezes eles com 17 anos já podem estar prontos para o profissional.

P: Como deve-se dividir esse processo de formação desde a infância até a fase adulta e quais as principais características em cada uma das fases desta formação?

R: Bom igual eu falei, a questão técnica até os 16, 15 anos ela precisa ser muito aprofundada com repetição, com ajuste, com acerto de movimento, trabalho coordenativo, acho que até os 15, 16 anos isso é essencial. A partir dos 16, 17 anos que já é a categoria sub- 17, acho que o trabalho físico ele é importantíssimo, alguns jogadores é óbvio vão maturar com 15 anos, 14 anos, um pouco mais cedo e isso vai até trazer problemas depois pro jogador que matura muito cedo porque tem jogador que se desenvolve muito rápido fisicamente e isso faz com que ele sobre

saia os outros jogadores nas categorias sub- 15 e sub- 17 ai quando chega no sub- 17 os companheiros passam por esse processo de maturação, começam a ganhar força, começam a ganhar uma velocidade maior, começam a crescer e ai vai equilibrando, ai esse jogador a maioria das vezes fica pra trás. Quando ele tem um processo de maturação antecipado ele se sobressai tecnicamente e as vezes ele já acha que esta em um nível muito superior que os companheiros e é verdade que está mas só pra essa categoria, mas lá na frente vai igualar e ai ele deixa de se desenvolver tecnicamente e isso acontece inúmeras vezes e acaba ficando para trás. Os jogadores que maturam mais cedo não é que nunca vão chegar, mas eles precisam de uma atenção um pouco maior para que esse desenvolvimento técnico dele seja maior do que os dos outros pra que quando ele chegar no sub- 20 ele tá fisicamente pronto, tecnicamente pronto e não deixar cair o rendimento do seu talento e do seu trabalho que foi feito no sub- 15 e no sub- 17 aonde ele sobressaiu principalmente por causa do aspecto físico. Voltando ao processo de formação, os jogadores com 16, 17 anos eu acho onde que fisicamente os jogadores podem evoluir um pouco mais e esse trabalho pode ser mais bem feito. Tendo a parte técnica já bem trabalhada e no sub- 17 com essa parte física aliado lógico com a técnica, porque hoje tudo é técnica, tudo é feito com bola, tudo tem que ser feito visando o jogo, com especificidade, com trabalho físico e desenvolvimento físico. Chegando ai ao sub- 19 o trabalho tático passa a ser o mais importante, de estratégia, comprimento de função, de compreensão do jogo, de compreensão da posição, de compreensão do trabalho em equipe, compreensão dos momentos do jogo, do que a equipe espera como modelo de jogo então ai já entra um pouco mais a parte tática e ai eu acho que esse é o passo a passo. Até o 15 anos parte técnica, 16, 17 anos aliado a técnica com o físico e com alguma coisa cognitiva, o cognitivo no 15 também é essencial e no sub- 20 um processo todo em conjunto e inserindo e terminando com o aspecto tático, até mesmo o resultado que deve ser mais cobrado no sub- 20 do que no sub- 17 e no sub- 15

P: A compreensão tática é essencial para um jogador ter sucesso no futebol? E como deverá variar a solicitação tática ao longo de cada etapa da preparação esportiva?

R: O trabalho tático final é um trabalho em equipe, é claro que alguns jogadores tem uma facilidade maior para compreender função, mas um atleta taticamente completo não é um requisito essencial para definição de quem vai jogar, esse trabalho é um trabalho nosso, da comissão técnica, fazer com que o jogador compreenda o que a gente quer e fazer com que o jogador compreenda não só falando, mas também praticando. Eu trabalho baseado na periodização tática, ou seja, tudo que a gente faz tem como foco o jogo. No Sub- 17 o trabalho tático é sobre cumprir funções e conhecimento da posição, isso é essencial. No Sub-20 é sobre cumprir funções, sobre conhecimento da posição, mas fazer com que a sua função e o seu posicionamento funcione e trabalhe de uma maneira estratégica para equipe, pro jogo e pro resultado. Por isso que falo que no Sub-20 a gente tem ter uma cobrança por resultados, pra que eles compreendem que a estratégia da certo. No sub- 17 e no sub-15 nem sempre esse comprimento de função vai dar resultado, ai é aonde sou contrario a cobrança de resultados nessa categoria. Já no sub-20 acho que deve existir pra que ele compreenda que estrategicamente trabalhando como equipe eles vão acabar se desenvolvendo e os resultados vão acontecer em cima disso e que isso vire uma constância no restante da carreira deles.

P: Existe algum jogador em determinada situação que deveria receber uma carga de treino maior do que os outros? Se sim, especifique em quais situações e explique?

R: Bom..., existem vários aspectos que eles necessitam as vezes de uma especificidade maior, em algum movimento, algo nesse sentido. A maioria das vezes é sobre um aspecto técnico que eles estejam pecando. O aspecto físico eu acredito muito no complemento de treino, a gente trabalha bastante em cima do complemento de treino e de uma maneira heterogênea. As vezes um precisa de um complemento de um tal maneira outro precisa de um complemento de velocidade, complemento de força, complemento coordenativo e com isso vamos trabalhando de uma maneira exclusiva e diferente com essas especificidades. Acredito muito no trabalho complementar, a gente trabalho dessa maneira.

P: Quando, na etapa de formação, deve-se iniciar a especialização das posições dos jogadores e o momento da especialização é igual pra todas as posições?

R: No Sub- 17, não que ele precise ter uma posição definida, mas que ele saiba cumprir funções mesmo que cumpra mais que uma, mas que ele saiba verdadeiramente cumprir a função, que ele saiba o que fazendo aonde se deve se colocar no campo, que tipo de situação ele deve se colocar para auxiliar a equipe. No sub- 17 é a idade ideal para se ter esse conhecimento de funções, pois o atleta está um passo do sub-20 aonde esse conhecimento tem que estar muito bem definido. Penso que a posição do goleiro é a única posição que na minha opinião que se inicia um pouco antes, pois existem muitos fundamentos a serem aprendidos nessa posição.

P: Como você concebe a detecção e seleção de talentos dentro do processo de formação de jovens atletas no futebol?

R: Bom, eu baseio principalmente nos aspectos técnicos, principalmente por função exercida dentro de campo. Eu acredito no jogador que é muito bom em alguma coisa, se eu tenho um médio volante que é muito bom no drible no um contra um ele não está ali para ser um médio volante seria um meio atacante, um extremo. Baseio a detecção de talentos em algo que o atleta é muito forte, a característica predominante do jogador, por exemplo, o jogador tem um bom desarme, jogador tem um bom cabeceio e por ai vai. A partir do momento em que temos baseado em uma valência técnica a gente tem um jogador com um nível bacana o restante a gente desenvolve baseado naquele ponto forte que o atleta tem. O atleta precisa ter algo chamativo seja ela técnica ou até física considerando o futebol atual. Antigamente tinha muito busca pelos estereótipos de cada posição, mas o futebol tem mudado a maneira de enxergar. Passamos um momento transitório no futebol brasileiro, essa situação do desenvolvimento da preparação física ser alinhado com a parte técnica. Nosso jogo por vezes ficou basicamente físico, nossos jogadores não conseguiram compreender a renovação do futebol e os novos métodos de treino. Hoje estamos

mais avançados o jogador de base já compreende melhor os trabalhos táticos, o trabalho em equipe. Então isso tem feito que tecnicamente os jogadores voltem a aparecer um pouco mais do que fisicamente, isso fez com que esses estereótipos começassem a ser deixados de lado, por exemplo, começou a se aceitar zagueiros mais técnicos e um pouco mais baixo porque os zagueiros modernos precisam saber sair jogando, ter um de passe qualidade, uma bola diagonal boa e ter uma dinâmica de perna bacana, assim deixando de lado a exigência do zagueiro ser alto e fisicamente muito forte. Hoje tecnicamente o futebol tem se desenvolvido muito mais do que pro lado físico, a escolha de jogadores técnicos esta maior do que jogadores físicos, porque o futebol atual é um jogo de posse de bola com qualidade e veloz. Hoje o futebol é cheio de transições ofensivas e defensivas, muita velocidade. Esses rótulos caíram por terra, temos exemplos no futebol atual de jogadores de sucesso que acabaram com esses rótulos, por exemplo, Marquinhos do PSG, Rodrigo Caio de São Paulo, Sergio Ramos do Real Madrid e por ai vai. No futebol atual a única posição que segue esses estereótipos ainda são os goleiros, goleiros baixos não tem espaço no futebol moderno, mas pelo bem do futebol esses goleiros estão cada vez mais técnicos. Goleiros que não sabem sair jogando com o pé estão fadados a ficar em times de pequena expressão.

P: Na sua concepção, qual a função da competição organizada na formação esportiva?

R: Bom, Acredito que ela seja de suma importância para o processo formativo porque é na competição que o aluno é estimulado a colocar em pratica tudo que se aprendeu nos treinos, aprende a trabalhar com os sentimentos de vitória e derrota, autocontrole, trabalho em equipe e para mim o mais importante é que na competição eles que resolvem os problemas encarados sem intervenção direta do treinador.

P: Qual o papel do clube no processo de formação do jogador de futebol?

R: A maioria dos meninos tem muitos problemas familiares, problemas culturais, jogadores que vem muito cedo com 13 anos e ainda estão passando por aquele processo de se formar como pessoa. Então o clube deve sim trabalhar o lado

psicológico, o lado da formação ser humano mesmo, cobrar a questão da escola da educação de uma postura disciplinar. Acho que o clube é um lar pra esses jovens jogadores, não é atoa que muitos deles se identificam por onde são formados e o papel do clube é essencial na formação do caráter desses jogadores. Acredito na formação esportiva ampla que aborda todos os aspectos da vida do jogador esportiva e social. Prefiro trabalhar com homens de caráter, trabalhador, cheio de ambição, que busca ser uma melhor pessoa sempre. Pra mim o lado social é muito mais importante do que a questão do talento e da qualidade do atleta, o que vai fazer ele chegar ao sucesso e manter se lá é o seu caráter.

P: Qual o papel da CBF no processo de formação do jogador de futebol?

R: Eu acho que a CBF tem um papel bacana quanto ao trabalho das seleções de base, lá existem olheiros capacitados, treinadores capacitados. A CBF de alguns anos pra cá vem valorizando jogadores de uma maneira diferente têm vários trabalhos de prospecção de jogadores que são fabulosos. Eu acho que o que distancia muito a CBF são as Federações. As Federações atrapalham muito, por que uma Federação faz um campeonato de uma maneira e outras fazem de maneiras diferentes, por exemplo, o campeonato paulista é Sub-20 já o Goiano é Sub-19, o nível de qualidade de jogo do sub-20 paulista é um Sub-19 goiano é outro isso tem relação direta com o que as federações proporcionam aos seus atletas tanto de competições, níveis de competições e por ai vai. Na minha opinião a CBF fica a desejar nesse quesito, pois seria melhor criar um protocolo aonde todas as federações deveriam seguir. Um exemplo claro dessa diferença é quando nos deparamos com a Copa São Paulo de Futebol Junior porque ela favorece os grandes favorece os times paulistas. Em Goiás falo no Vila Nova esse ano tivemos a Copa do Brasil e em um jogo aonde pegamos o São Paulo que hoje é um dos melhores times do Brasil fomos eliminados e assim vamos passar o ano inteiro sem disputar jogo nenhum em alta competição por que a nossa federação não nos proporciona isso, e o próximo campeonato de grande visibilidade que vamos disputar é a Copa São Paulo de Futebol Junior com o coração na ponta da chuteira e muito menos preparados porque os times grandes do Rio de Janeiro, São Paulo, Minas disputam a Copa do Brasil de categorias de base, Campeonato Brasileiro,

Libertadores e Copa Sul Americana, assim a Copa São Paulo de Futebol Junior é só mais uma competição tirando toda a pressão desses jogadores. Então esse é um grande defeito da CBF, ia ser ótimo para os times de menor expressão jogar um Campeonato Brasileiro da serie B ou ate C de categorias de base assim dando mais rodagem e visibilidade aos nossos atletas. Reafirmando mais uma vez acho que problema esta nas federações estaduais e não diretamente na CBF, pois em alguns estados existem competições de base de categorias sub-23 já em outra como aqui em Goiás a categoria máxima é a Sub-19 assim atrapalhando muito a formação desses atletas, pois quando passam dessa idade ou viram profissional ou param de jogar.

Nome: Treinador 3

Idade: 48

Tempo na instituição de trabalho: 6 anos

Tempo de experiência como treinador: 6 anos

Formação (cursos superiores, pós graduações, cursos CBF e etc): Instituição de formação: Ensino Médio incompleto, Cursos curtos de especialização em futebol oferecidos pelo CREF.

Ano que concluiu a formação: Não Concluiu

Experiências como atleta: Sim X Não

Se sim, quais? Iniciou em 1987 sua carreira como atleta, passou por times como Goiás, Caxias-RS, Avaí, Aparecida E.C e encerrou sua carreira no Goiânia em 2009. Em qual(is) categoria(as) você atua como treinador? Atou como treinador profissional do clube Geneses de Rondônia e nas categorias sub-17, Sub-20 e no sub-15 do Goiás.

Questionário

P: Na sua opinião, um atleta de futebol pode ser formado para o alto rendimento?

R: Eu acredito que sim, acredito que a maioria dos meninos que começam a jogar futebol almejam o alto rendimento e com as experiências vividas no futebol crianças que tem um acompanhamento desde as escolinhas a partir dos 8 anos aonde é iniciado um trabalho de apresentação do esporte e coordenativo tem maiores

chances de êxito no esporte. E assim trabalhando esse menino em cada etapa do processo trabalhando as suas qualidades e defeitos desde a iniciação esportiva até o sub-19 esse menino tem grandes chances de chegar ao alto rendimento. Eu tenho um conceito a respeito da formação de atletas de futebol, acredito que a escolinha é peça essencial porque é nessa etapa que se aprende os conceitos básicos do futebol aonde se inicia a experiência com competições, trabalho em equipe, coordenação. Vou mais além ainda, acredito que toda criança antes de vim para o futebol de campo precisa antes passar por alguns anos no futsal dos 8 aos 12 anos, pois acredito que no futsal a criança terá mais contato com bola, aprenderá a resolver situações problemas em espaços curtos e essa aprendizagem que foi feita no futsal auxiliara muito essa criança quando ela for para o campo. Falo isso porque vejo muitas crianças iniciando sua trajetória no futebol no futebol de campo já e como ainda não tem noção de posicionalmente acaba tendo pouco contato com a bola e acho que isso prejudica muito o processo de formação dela porque eu acredito o quanto mais contato a criança tem com a bola melhor é para a sua formação.

P: Embasado na sua experiência, como deve ocorrer o processo de formação de um jovem atleta de futebol?

R: Eu creio que a escolinha tem como principal objetivo gerar na criança um amor pelo futebol, além das demais experiências citadas anteriormente, pois acredito que quando a criança se apaixona pelo o futebol ela aprende muito mais. A criança precisa de um acompanhamento especializado porque ela esta em processo de maturação e não pode haver um sobrecarga sobre ela nesse período. Acredito que se traçando um “plano de carreira” pra esse atleta é essencial, ou seja, o que é preciso ser trabalhado em cada etapa do processo formativo desse atleta. Por isso acredito na formação inteira dentro de um clube porque assim será mais fácil acompanhar esse atleta em todas as suas etapas e ajustando aonde for necessário para que ele tenha êxito no esporte. Então saindo da escolinha aonde o foco é mais lúdico, chegando as categorias de base aonde acredito que a sobrecarga técnica, tática e física tem que ser maior. Acredito que nas categorias de base só pode estar jogando meninos que agente enxerga que pode evoluir e futuramente gerar algo

para o clube. Eu penso que a partir do sub-15 o menino tem que estar em um nível muito bom disputando campeonatos em alto nível e se possível vencendo esses campeonatos porque hoje em dia clubes não buscam mais meninos no sub-19 e sub-17 e sim estão cada dia mais querendo meninos mais novos com um bom nível de conhecimento tático e técnico para poder trabalhar esses meninos nas filosofias de seus clubes já o físico não buscam tanto porque isso ainda pode ser desenvolvido mais pra frente. Agora no sub-19 o atleta tem que estar pronto, porque ele passou por todas as etapas sub-15, sub-17 e agora esta a uma passo do profissional e pode ser chamado para compor elenco do profissional a qualquer momento. Acredito que a categoria sub-19 já é quase um profissional e precisa ser trabalhada assim, pois é a realidade do nosso futebol. Uma vez no profissional não há tempo mais para aprender mais nada o que importa é resultado, então por isso esse menino tem que chegar no sub-19 com um nível de compreensão tática muito bom, um físico de atleta profissional e uma boa técnica. Nesse aspecto não se pode ter muito coração ou esta pronto ou não esta.

P: Em quais idades devem ser iniciadas o processo de formação esportiva orientado para o futebol, tendo em vista um futuro no alto rendimento?

R: Estou atualmente trabalhando com atletas nascidos no ano de 2002, ou seja, sub-15 e acredito que é nessa idade que os treinamentos começam a ficar mais orientados para o alto rendimento. Aqui no Goiás existe um trabalho muito bom de perceber talentos dentro do clube, jogadores com 14 anos que são destaque na sua categoria que ainda é Escolinha/Pré Equipe já são inseridos na categoria de base sub-15 e nesses casos a formação orientada para o alto rendimento se inicia um pouco mais cedo, mas acredito que no sub-15 seja a idade certo porque é o primeiro ano da categoria de base e se chegaram até lá é porque querem ser jogadores profissionais e já tem bagagem psicológica e técnica mínima para começar a focar no alto rendimento.

P: Como deve-se dividir esse processo de formação desde a infância até a fase adulta e quais as principais características em cada uma das fases desta formação?

R: O processo de formação acredito que deve ser dividido em 3 estágios: Iniciação esportiva que vai dos 5 até os 12 anos aonde que o foco principal seja proporcionar experiências do esporte para essas crianças para que elas comecem a amar o esporte e também nessa idade se trabalha a coordenação motora básica, fundamentos que será essencial para o futuro do menino no esporte. O segundo é a pré equipe que ocorre dos 12 aos 14 anos aonde esses meninos começam a trabalhar um pouco mais o lado psicológico do esporte porque os campeonatos ficarão mais pesados e assim trabalhando esse lado psicológico mais a fundo que é de suma importância para se tornar um bom atleta, além de continuar a trabalhar os aspectos técnicos. Por último é a categoria de base aonde se escolhe os jogadores através de um monitoramento de todos os anos desses meninos e assim sobe para a categoria de base os meninos que treinadores acharem que darão algum retorno para o clube no futuro. Nessa fase os treinamentos são focados para o alto rendimento inserindo trabalhos táticos e trabalhos físicos mais especializados com o objetivo de formar esses atletas para serem jogadores profissionais. Eu penso se essas etapas forem feitas todas dentro do mesmo clube esse atleta tem maiores chances de sucesso no esporte porque ele será ensinado a filosofia do clube e o padrão de jogo que o clube deseja desde criança e como o processo foi feito todo dentro do clube os treinadores observarão os meninos em todas as categorias conjuntamente e conversarão entre si o que precisa ser melhorado enquanto o menino vai subindo de categoria e isso é muito benéfico para esses meninos. Um grande quesito discutido na formação é a maturação precoce se ela é boa ou ruim para o atleta. Aqui no clube temos um exemplo claro disso, ele é da categoria sub-14 e o físico e a técnica dele estava muito acima dos meninos da sua categoria porque ele já estava em um estágio muito avançado da sua maturação, com isso decidimos subir ele para a categoria de base do sub-15 aonde lá ele começou a ser desafiado. contei esse exemplo porque penso se ele tivesse continuado na categoria dele ele teria um atraso muito grande no seu desenvolvimento. Esse é o grande problema da maturação precoce porque o menino para de ser desafiado e isso prejudica o seu desenvolvimento como atleta, essa detecção aqui no Goiás acontece para não deixar esse menino estático no seu processo de formação. Então eu acredito que a maturação precoce traz mais malefícios do que benefícios no começo pode até ser algo atrativo, mas se esse menino parar por um determinado

tempo o seu processo de desenvolvimento quando os outros meninos se maturarem ele com certeza ficara para traz porque em um momento da sua formação ele ficou estático porque não recebia estímulos para se desenvolver.

P: A compreensão tática é essencial para um jogador ter sucesso no futebol? E como deverá variar a solicitação tática ao longo de cada etapa da preparação esportiva?

R: Eu acredito que um jogador taticamente inteligente tem espaço em qualquer time porque esse jogador é importantíssimo na sua posição, pois consegue ter uma leitura do jogo muito aprimorada o que faz com que ele se destaque dos outros jogadores. Então é essencial no futebol moderno o jogador ter compreensão tática do jogo para se ter sucesso porque hoje o futebol esta cada vez mais tático, estratégico e o jogador que não consegue compreender e por em pratica o que é passado pelo o treinador possivelmente não vai ter ascensão no futebol atual. O futebol esta cada vez mais pedindo jogadores taticamente inteligentes do goleiro ao atacante, hoje em dia muito difícil ver um zagueiro de sucesso ser aquele jogador burro que esta lá só para tirar as bolas, além dele roubar a bola é necessário que ele consiga sair jogando porque as jogadas do futebol moderno já são planejadas para começar com os goleiros e zagueiros assim necessitando de jogadores que tenham um bom passe e uma boa visão de jogo em posições que antigamente era aceitável ser somente forte. Acredito que se inicia a cobrar a questão tática no sub-15 e falo o porquê, porque o futebol esta cada vez mais precoce e a procura de jogadores esta cada vez mais precoce, então o quanto antes passar funções táticas e estratégias de jogo melhor. Nas categorias antes do sub-15 acredito que os jogadores têm que experimentar todas as posições então penso que não se pode cobrar a compreensão tática da posição, é logico que o menino pode gostar de jogar mais de uma posição, mas ele pode render mais em outra. Então penso que esse menino chegando no sub-15 com uma vivencia em mais de uma posição e iniciando o processo de compreensão tática e compreensão de função nessa categoria acredito que nas categorias superiores ele vai chegar com uma boa bagagem para aí sim focar muito na parte tática.

P: Existe algum jogador em determinada situação que deveria receber uma carga de treino maior do que os outros? Se sim, especifique em quais situações e explique?

R: Sim, acredito que em duas situações específicas atletas devem receber uma carga de treino maior do que outros. A primeira é uma sobrecarga física quando percebemos que um determinado atleta tem uma técnica muito boa, um potencial para se tornar um ótimo jogador o Goiás investe com trabalhos na sala de musculação mais especializados, suplementação individualizada, dieta individualizada fazendo com que esse atleta aumente sua massa muscular, mas sempre trabalhando para que com esse complemento físico esse atleta não perca as suas características técnicas. E a segunda é uma sobrecarga técnica para quando percebemos um atleta bom, mas esta deficiente em algum aspecto técnico. A maioria que dos atletas que recebem essa sobrecarga técnica são os goleiros porque é uma posição que exige muitos fundamentos, mas também temos atacantes com deficiência no cabeceio, deficiência na finalização com a perna ruim e por aí vai.

P: Quando, na etapa de formação, deve-se iniciar a especialização das posições dos jogadores e o momento da especialização é igual pra todas as posições?

R: Eu acredito que no sub-17 o atleta tem que saber sua posição já porque no sub-15 é apresentado e introduzido isso mais especificamente, então no sub-17 é necessário que ele saiba a sua posição, o que fazer no momento de defender, o que fazer no momento de atacar, saber o que fazer nos momentos de bolas paradas, então acredito que no sub-17 é necessário que esse atleta tenha total conhecimento da sua posição, porque no sub-17 as estratégias de jogo são mais delicadas e se esse atleta não compreender sua posição com certeza ele não vai entender as estratégias de jogo que serão passadas. Acredito que o momento é igual para todas as posições, talvez o goleiro comece um pouco antes porque é uma posição que se difere das outras aonde se utiliza a mão e os fundamentos são especializados, mas acredito de uma maneira geral essa especialização de posição comece ao mesmo tempo.

P: Como você concebe a detecção e seleção de talentos dentro do processo de formação de jovens atletas no futebol?

R: Temos o privilégio aqui no Goiás de termos um trabalho de iniciação muito bom com muitos alunos aonde esses meninos são monitorados desde a sua iniciação no clube e assim é percebido os que têm talento que podem gerar algo no futuro para o clube, essa é uma maneira de detecção de talentos que é muito eficaz, mas é a longo prazo. O Goiás realiza peneiras semestralmente aqui no CT aberta para todo o país com o objetivo de achar talentos para o Goiás, mas como treinador já falo que as chances de passar em peneira e continuar no clube são mínimas especialmente com meninos vindo de outros estados porque o futebol exige um processo de adaptação para se mostrar o total potencial do menino e três dias acredito que não seja suficiente, por exemplo, teve uma avaliação com 200 meninos no início do semestre passou 13 desses 200 para continuar treinando aqui e desses 13 depois de um mês só ficou 4 que conseguiu se firmar no elenco, então o aproveitamento é muito baixo. Existe aqui no Goiás também um projeto que sai profissionais daqui que percorrem o Brasil todo atrás de talentos para o Goiás de acordo com posições que o clube esta precisando esse eu acredito que é mais proveitoso porque os meninos que são escolhidos já chegam para treinar com elenco, participar dos campeonatos o que para mim é uma maneira mais justa de se avaliar.

P: Na sua concepção, qual a função da competição organizada na formação esportiva?

R: A competição é muito importante porque ela traz benefícios na formação do atleta como aprender a suportar pressão, competitividade, trabalhar em equipe para conseguir um resultado. Acredito que essa competição tem que ser tratada de maneiras diferentes em diferentes fases da formação do atleta. Acredito que na iniciação a competição esta lá para gerar nesses atletas experiências em jogar contra um adversário, trabalhar em equipe, então nessa idade não se pode ter pressão em cima de resultado porque a competição esta lá para formar o caráter esportivo do menino. Já no sub-15 que é o primeiro ano de categoria de base creio que precisa já colocar essa pressão em cima dos alunos por resultados porque no

futebol atual só aparece na mídia quem é campeão e isso para divulgar os atletas é muito bom. Penso que na categoria de base a principal função da competição é além de continuar formando esses atletas para um futuro nas categorias profissionais serve também como vitrine pra esses meninos porque imagina se esses meninos só treinassem e jogassem só contra eles mesmo aqui nos coletivos, quem ia ver eles? Então as competições são as principais vitrines para que os atletas possam se destacar no cenário do futebol e aqui no Goiás somos muito privilegiados porque além de disputar o Campeonato Goiano de categoria de base disputamos também competições nacionais como a Copa do Brasil, Taça BH e a Copa São Paulo. Então essas competições além do moldar o atleta em muitos aspectos elas servem para divulgar nossos atletas que futuramente possam ser visto por times de grande expressão e serem contratados.

P: Qual o papel do clube no processo de formação do jogador de futebol?

R: Vou falar da minha realidade aqui no Goiás, o Goiás recentemente recebeu o título da CBF de clube formador. Esse título aumenta mais ainda a responsabilidade do Goiás com seus atletas porque além de formar o atleta o clube tem que formar o caráter, o homem e o cidadão e dar uma identidade para eles, ou seja, o clube preocupa em formar cidadãos de bem e se esses cidadãos conseguirem virar jogador de futebol ótimo se não o clube formou um cidadão do bem para sociedade. Além disso, como o clube tem uma grande estrutura muitos jogadores de fora do estado de Goiás buscam uma oportunidade aqui e o clube sustenta os meninos que jogam aqui, então o Goiás E.C vira a casa desses meninos e isso é necessário e importantíssimo porque para que eles concentrem em render o máximo dentro de campo é preciso estar com as coisas tranquilas fora do campo.

P: Qual o papel da CBF no processo de formação do jogador de futebol?

R: Vejo a CBF como uma instituição que está muito longe da realidade vivida pelos clubes no dia a dia. Agora que ela está começando a entender as necessidades dos clubes, mas eu acho que quando ela acabou com as categorias sub-16, sub-18 só veio a prejudicar porque era mais vantajoso para os meninos subirem de categoria

anualmente e não como é hoje aonde é de dois em dois anos e isso atrapalha muito, por exemplo, na categoria que eu treino esse é o ano dos 2002 então a preferência é deles esse ano, então muitos meninos do ano 2001 estão encostados treinando esperando ano que vem aonde eles serão inseridos no sub-17 alguns já são utilizados no sub-17 porque nós enxergamos que já dão conta, mas os que ainda não estão prontos ficam treinando sem competir e para continuar motivando eles é muito difícil. A CBF está melhorando de pouco a pouco, mas ainda vejo que nossos atletas têm pouca visibilidade para o mercado porque não temos competições que gerem isso. Para mim tinha que existir um Campeonato Brasileiro da série A e B para a categoria sub-15, sub-17, sub-20 porque nossos atletas estariam jogando a ano inteiro contra equipes de grande expressão aonde eles podiam estar na vitrine e assim mostrar o seu futebol.

Nome: Treinador 4

Idade: 29

Tempo na instituição de trabalho: 5 anos

Tempo de experiência como treinador: 5 anos

Formação (cursos superiores, pós graduações, cursos CBF e etc): Graduado em Educação Física na PUC, Pós Graduação em Futebol na Universidade Federal de Viçosa.

Ano que concluiu a formação: 2014

Experiências como atleta: Sim X Não

Se sim, quais? Na categoria de base jogou no Atlético Goianiense e Goiânia, Profissionalmente jogou no Santa Helena, Goiânia e Atlético Paulista.

Em qual(is) categoria(as) você atua como treinador? Atuou no Sub- 20 do Goiás B, e atualmente esta no Sub-20 Oficial do Goiás.

Questionário

P: Na sua opinião, um atleta de futebol pode ser formado para o alto rendimento?

R: Sim, Eu acho que a gente pode colaborar para formação dele, existem muitos aspectos que nos podemos fazer para que ele cresça e evolua principalmente questões de jogo, questões táticas de jogo coletivo e também algumas questões

individuais a gente pode melhorar o atleta, mas você pegar um atleta do zero e falar que você forma ele eu não acredito nisso eu acho que você pode potencializar e melhorar o potencial que ele já tem. O atleta até pode ser formado do zero, mas acredito que ele vai chegar a um certo nível. Em uma escala de zero a dez creio que esse atleta pode chegar no máximo ao nível 7 com todo um trabalho um planejamento ele consegue chegar a esse nível, mas para ele passar desse nível eu não acredito que ele consiga. Eu vejo cada atleta individualmente alguns, tem capacidades para chegar ao nível 10, mas alguns no máximo um nível 6, 7. Então é importante ter isso mente durante o processo formativo. Durante esse processo eu vejo que com muito trabalho da pra desenvolver sim o atleta, de acordo com a limitação de cada um. Sendo assim, o processo da escolinha é muito importante para formação do atleta e que ela é essencial para iniciar e moldar um futuro atleta profissional, mas eu vejo que alguns conseguem jogar ao profissionalismo sem passar por essa etapa de escolinha e geralmente esses casos são os atletas que tem alguma característica que destaca muito dentre os demais, por exemplo, um atleta muito veloz que mesmo sem passar pelos processos de escolinha tem essa característica que o faz destacar no profissional, mas com certeza se ele tivesse passado por uma escolinha esse atleta poderia ter atingido um nível maior.

P: Embasado na sua experiência, como deve ocorrer o processo de formação de um jovem atleta de futebol?

R: Acho que em primeiro momento parte muito do clube, na minha visão o clube tem que ter uma filosofia de trabalho, uma ideia a ser seguida e isso não vejo em muitos lugares e os atletas serem trabalhados dentro dessa ideia a sua formação inteira. Dentro de cada processo, de cada idade, de cada fase dele de desenvolvimento ele deve passar por algumas questões essenciais, por exemplo, a partir dos 7 anos esses atletas deve passar por um trabalho lúdico e vivenciar a convivência com outras pessoas para ele se sentir bem de estar naquele ambiente e a partir dos 10 anos já pode começar trabalhar um pouco mais a parte técnica aonde o repertório motor dele vai estar aberto para novas descobertas e tudo mais aí partir dos 13 anos já pode colocar um pouco mais a questão tática para começar a entender o que é o

jogo, o jogo maior o de 11 contra 11 e aí a partir do Sub-17 ele já começa a passar por um processo de bastante especialização para ele chegar no Sub-20 sendo tratado praticamente como profissional, mas em alguns casos o atleta pode chegar no sub-20 com a necessidade de ser trabalhado ainda e não é por isso que ele não conseguirá chegar ao profissional, então é necessário muita atenção a isso por que todos os atletas são indivíduos diferentes que se adaptam e evoluem em ritmos diferentes. . Então com certeza se em cada fase dessa ele estiver sendo trabalhado da maneira correta e recebendo os estímulos certos podemos ajudar muito esses atletas a se tornarem jogadores profissionais.

P: Em quais idades devem ser iniciadas o processo de formação esportiva orientado para o futebol, tendo em vista um futuro no alto rendimento?

R: Isso é uma questão complexa, mas na minha maneira de ver é que a partir dos 10 anos você consegue, que é o que acontece aqui no clube, você consegue começar uma certa especialização, você consegue passar a ideia de jogo coletivo, de organização tática, de tomada de decisão, o lado cognitivo que eu julgo ser muito importante ser trabalhado especialmente nas categorias de base aonde se ensina o jogador pensar o jogo, tomar decisões corretas na hora correta. Então acredito que a partir do Sub-10, até pelo desenvolvimento dele o atleta está pronto para receber novos estímulos e ele já consegue ter um entendimento muito bom e por isso considera essa uma idade adequada pra se iniciar essa especialização.

P: Como deve-se dividir esse processo de formação desde a infância até a fase adulta e quais as principais características em cada uma das fases desta formação?

R: Acho que em todas as fases você pode sempre conceder a esses atletas estímulos que vai auxiliar ele por toda vida esportiva, mas na minha maneira de enxergar eu acho que deve ser trabalhado o cognitivo o tempo todo, ou seja, em todas as etapas do processo formativo. Para ser mais específico acho que dos 14 anos pra baixo deve se trabalhar muito a parte técnica já colocando alguma coisa do jogo, alguma coisa coletiva porque ele joga um jogo coletivo aonde a maioria do tempo ele joga sem a bola, isso porque a parte de aprendizagem dele está aberta,

por exemplo, por volta dos 7 anos o sistema nervoso central dele está aberto para novas situações aonde que na minha opinião é o momento ideal para passar a parte de fundamentos e parte técnica, mas sempre apoiado no jogo. A partir do sub-15 já pode começar a trabalhar mais a fundo a parte coletiva, a parte tática, a questão de realmente pensar o jogo. Nessa idade se trabalha a parte técnica também, mas creio eu que dessa idade para frente é necessário uma atenção maior para o que realmente aconteceu no jogo. Durante todo esse processo de formação é necessário ficar atento ao processo de maturação dos meninos porque muitas das vezes você tem no mesmo elenco atletas maturados e não maturados. Isso tem que ser analisado atentamente porque o atleta maturado vai pedir estímulos acima da categoria que ele está e se o treinador não perceber isso ele pode atrasar o processo de desenvolvimento desse menino que futuramente terá grandes malefícios. E o oposto também ocorre, o atleta que não maturou ainda pode ser considerado muito abaixo dos demais, mas os treinadores tem que perceber que ele ainda vai maturar e que futuramente pode dar retorno para o clube.

P: A compreensão tática é essencial para um jogador ter sucesso no futebol? E como deverá variar a solicitação tática ao longo de cada etapa da preparação esportiva?

R: Sim, eu acho essencial porque cada vez mais o jogo é coletivo estudado. Hoje nenhum treinador entra para jogar sem saber como seu adversário joga e também entender o que seu treinador quer, entender como a sua equipe joga. Se você dividir o jogo nas 5 etapas, as transições defensivas, transições ofensivas, defesa posicionada, ataque posicionado e bola parada se você não souber o que fazer dentro de cada fase dessa do jogo você não tem um jogo coletivo bem feito e o jogador com certeza não terá a preferência do treinador a não ser que ele tenha uma característica que destaca muito em relação aos outros, mas mesmo assim ele tem que ter um entendimento coletivo o tempo todo porque o futebol é coletivo, mas eu acho que na formação principalmente é muito importante ele vivenciar todos os sistemas táticos, por exemplo, o 4x3x3, o 4x4x2, 3x6x1 ele precisa saber se

comportar dentro de qualquer sistema tático proposto pelo treinador por isso é muito importante ele vivenciar esses sistemas porque dentro do profissional, aonde ele trabalhe ele vai saber lidar minimamente com qualquer situação proposta se tornando um atleta mais completo. Como eu já falei um pouco antes acredito que do sub-14 pra cima deve se focar na parte tática, a parte pensada do jogo porque daí em diante já existem possibilidades de convocação para seleções de base então esse atleta precisa entender o jogo taticamente ou ele vai ficar para trás porque o futebol moderno é muito tático.

P: Existe algum jogador em determinada situação que deveria receber uma carga de treino maior do que os outros? Se sim, especifique em quais situações e explique?

R: Sim, acho que alguns casos específicos sim. Falando um pouco mais da parte física existem alguns atletas que são atletas mais rápidos, outros têm uma resistência aeróbia maior, outros têm o nível de força maior então eu acho que eu não posso deixar um atleta que é muito rápido de trabalhar essa velocidade dele porque é algo que ele pode destacar e fazer a diferença no jogo, mas ao mesmo tempo eu não posso deixar que ele só tenha essa característica preciso trabalhar ele para que ele tenha o mínimo de força, um mínimo de resistência aeróbia. Então eu acredito em potencializar o que ele já tem de bom, mas também trabalhar com eles as outras valências físicas para que ele tenha o mínimo para competir, mas sempre focando na sua característica principal que pode fazer ele se destacar futuramente. Falando agora um pouco da parte técnica eu acho que é importante trabalhar esses meninos de maneira geral, por exemplo, meus zagueiros treinam finalização também e meus atacantes treinam desarme porque no jogo pode precisar então o jogador tem que saber o mínimo de cada valência. Eu creio que é preciso trabalhar todas as valências técnicas, mas é necessário focar na valência que esse menino mais usa durante o jogo, por exemplo, se eu tiver um lateral que está errando muito cruzamento preciso trabalhar isso até exaustão porque ele usa essa valência muito no jogo, do mesmo jeito um zagueiro que está com um tempo de bola ruim nas bolas aéreas é preciso trabalhar muito isso porque essa situação ocorre muito durante o jogo. Então eu creio que o atleta precisa se especializar nas valências que ele utiliza mais durante o jogo, mas também ele tem que saber um pouco das outras porque o

futebol é muito dinâmico e durante o jogo pode precisar que saia da sua zona de conforto e ele precisa saber resolver essa situação da melhor forma possível.

P: Quando, na etapa de formação, deve-se iniciar a especialização das posições dos jogadores e o momento da especialização é igual pra todas as posições?

R: Na minha visão a partir do sub-15 é uma idade boa pra você começar a especializar. A partir do sub-15 porque creio eu que esse atleta tenha passado por vivências em diferentes posições do sub-14 pra baixo, eu acho muito importante principalmente quando ele é menor porque quando ele é novo essa questão de posição não é importante então ele pode vivenciar a maioria delas. Mas eu vou um pouco mais além acredito que mesmo a partir do sub-15 é muito importante esse atleta vivenciar duas posições além da sua. Na minha categoria que é o Sub-19 a gente faz experimentações de posições porque tem jogo que existe a necessidade de colocar esses atletas em outras posições, por exemplo, tenho um atacante que atua pelas pontas e em certo momento do jogo o lateral nosso machuca esse atacante tem que saber fazer essa posição para que eu não queime uma substituição defensiva e isso acaba ajudando muito o treinador porque o treinador tem mais situações para vencer o seu adversário. Por isso eu acredito que essa especialização de posição não limita o jogador a somente uma posição, mas de acordos com suas características ele pode realizar duas ou três posições.

P: Como você concebe a detecção e seleção de talentos dentro do processo de formação de jovens atletas no futebol?

R: Eu tenho três situações que eu analiso no momento da detecção e seleção de talentos, mas é claro que pode variar de acordo com o tempo que a gente tem para analisar o atleta seja analisando o garoto em uma peneira, jogando um torneio ou o garoto esta treinando com o elenco por 1 mês então são situações diferentes e o quanto mais você tiver tempo mais você pode observar melhor. Em linhas gerais eu observo três coisas, a tomada de decisão do atleta, ou seja, se o atleta pensa o jogo rápido, se toma a decisão certa no momento certo e se ele pensa a frente dos outros. Segundamente eu observo a parte técnica porque hoje em dia o futebol esta

muito truncado e se você achar um garoto com uma técnica muito apurada que consegue abrir o jogo com um drible um passe ou até mesmo um domínio diferente isso pode decidir um jogo e até um campeonato para o time. Por ultimo se o atleta tem personalidade isso é ele se impõe nos treinos e nos jogos ele não é mais um só no elenco ele chama a responsabilidade do jogo, não esconde em situações complicadas que ocorrem durante o jogo, ele consegue levantar a equipe dentro de campo cobrando quando necessário e elogiando quando necessário. Muitos treinadores observam a parte física na hora de selecionar o talento eu não considero isso importante porque essa é uma valência que podemos melhorar de acordo com o tempo, mas é logico isso depende da categoria porque se chegar um menino muito técnico na minha categoria, mas ele não tem o físico mínimo necessário para aguentar o tranco na categoria é muito difícil esse atleta ficar porque nessa categoria ele está muito próximo do profissional e há pouco tempo de se trabalhar. Falo isso porque ainda existe não como antigamente mas existe que é selecionar os meninos com o estereótipos da posição, eu não acredito nisso. Para mim se o atleta resolve a situação com as suas valências físicas eu creio que pode sim atuar e com tranquilidade na minha equipe, por exemplo, zagueiros segundo o estereótipos precisam ser altos, mas se chegar a mim um garoto não tão alto, mas tem uma boa impulsão e resolve os problemas nas bolas aéreas ele pode jogar tranquilamente.

P: Na sua concepção, qual a função da competição organizada na formação esportiva?

R: Pra mim tem uma função primordial, muito importante mesmo. O processo de formação segue uma ordem, primeiro ocorre o processo de captação e seleção do menino que você acha que vai ser importante para o seu time e que futuramente trará um retorno ao clube depois entra o trabalho da comissão técnica, do clube e da estrutura oferecida para se realizar um bom trabalho com esse menino e ele melhorar tecnicamente, taticamente, fisicamente e cognitivamente e melhorar como pessoa que na minha opinião é muito importante. O ultimo processo é a competição, os campeonatos eu acho que ajuda o atleta a crescer muito às vezes até mais que os treinamentos diários. Então eu vejo que a competição tem um papel muito importante no processo de formação porque ele molda esse atleta tanto no sentindo

esportivo tanto no social porque forma o homem também, na competição ele aprende a perder e a ganhar. Agora eu penso que a competição tem que ser trabalhada de maneiras diferente durante o processo de formação, com a minha vivencia eu vejo que esses meninos são cobrados desde os 5 anos de idade pela família então cabe ao treinador diminuir essa pressão em cima dos meninos, então creio que a partir dos 12 anos pode começar a se cobrar um pouco de resultado, mas é necessário saber a maneira correta de cobrar porque são crianças ainda e isso pode acarretar problemas futuros para essas crianças como a desistência do esporte. Eu acredito que seja positivo cobrar minimamente os resultados nessa idade porque vai melhorar o emocional e o psicológico desses meninos porque quando ele entrarem na categoria de base essa pressão por resultados é inevitável.

P: Qual o papel do clube no processo de formação do jogador de futebol?

R: O clube tem um papel muito importante ele que dá a estrutura tanto física como de profissionais. O clube é que dá o norte para o direcionamento da carreira deles. Eu acredito que além do papel esportiva que é proporcionar a esses atletas condições de se desenvolverem o clube tem um papel muito importante no extracampo do atleta que é formar o ser humano porque o futebol ele é uma profissão muito difícil de conseguir o êxito, então a maioria dos que almejam conseguir realizar esse sonho não conseguem nesse momento que entra o clube para ajudar esses meninos a continuarem a vida fora do futebol.

P: Qual o papel da CBF no processo de formação do jogador de futebol?

R: Eu acho que a CBF tem melhorado no sentido de organizar melhor as competições. Hoje você tem campeonatos aonde esses meninos têm vivencias de atletas profissionais e isso ajuda muito esses atletas porque eles enfrentam grandes clubes do Brasil inteiro e isso é muito benéfico para a formação deles. Atualmente existe a Copa do Brasil, Campeonato Brasileiro, convocações para a Seleção Brasileira que para mim é muito importante, eles observam muito os meninos para a convocação e isso serve de incentivo para esses meninos tentarem se superar a cada dia. De uns três anos para cá a CBF tem convidado pessoas das comissões

dos clubes para estar nas comissões da CBF sub-15, sub-17 e sub-19 para acompanhar o trabalho da CBF e captar qual a metodologia que esta sendo pensada e trabalhada lá para poder utilizar nos clubes e assim facilitar as convocações de atletas. Então eu vejo que esta melhorado muito principalmente na questão de organização de competições e isso é muito bom porque o quanto mais competições eles organizam para os atletas jogarem em alto nível melhor é para formação desses atleta e ela vem buscando no meu ponto de vista melhorar isso cada vez mais.

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Eu, _____ tendo sido convidado a participar como voluntário da pesquisa intitulada “A concepção dos treinadores de futebol acerca da formação de atletas”, recebi do pesquisador responsável, Matheus Henrique da Silva Marques, as seguintes informações que me fizeram entender sem dificuldades e sem dúvidas os seguintes aspectos:

1- Que o estudo tem por objetivo investigar a concepção dos treinadores acerca da formação dos atletas de futebol, com atenção especial para o processo de formação ocorrido nas categorias de formação.

2- Que a metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e que para coleta de dados será utilizada a entrevista narrativa. Que eu participarei voluntariamente da referida entrevista, na qual serei questionado sobre as minhas experiências vividas com o futebol. Que, para fins de registro e análise, a minha voz será gravada durante a entrevista. E, que os dados obtidos serão arquivados por um período mínimo de cinco anos e que após este período os mesmos serão destruídos.

3- Que os incômodos que poderei sentir com a minha participação são a disponibilidade de tempo para participar da entrevista e possíveis constrangimentos gerados pelas perguntas do pesquisador. E, que o benefício que deverei esperar com a minha participação é o entendimento dos processos de formação dos atletas de futebol.

4- Que, sempre que desejar, será fornecido esclarecimentos sobre cada uma das etapas do estudo. E, que, a qualquer momento, eu poderei recusar a continuar participando do estudo e, também, que eu poderei retirar este meu consentimento, sem que isso me traga qualquer prejuízo. Esse procedimento pode ser realizado, a qualquer momento, por meio de ligação telefônica a cobrar diretamente ao responsável da pesquisa.

5- Que as informações conseguidas por meio da minha participação não permitirão a identificação da minha pessoa, exceto aos responsáveis pelo estudo. E, que eu receberei uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

6- Finalmente, tendo eu compreendido tudo o que me foi informado sobre a minha participação no mencionado estudo e estando consciente dos meus direitos,

dos riscos e dos benefícios que a minha participação implica, concordo em dele participar. Para tanto, dou o meu consentimento sem que para isso tenha sido forçado ou obrigado.

Endereço do pesquisador responsável: Av. Rui Barbosa Qd.136 Lt.13
CEP: 74674-070 – Goiânia/GO – (62) 985174410– e-mail: matt_jh@hotmail.com

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Goiás: Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Piso 1, Campus II (Samambaia) - CEP: 74001970, Goiânia/GO – 62-35211215.

Goiânia,.....de.....,2017.

_____ Assinatura por extenso
do(a) participante

_____ Assinatura por extenso
do pesquisador responsável